PARA TODOS...

ANNO XIII — Num. 638 — Rio de Janeiro, 7 de Março de 1931 — PREÇO: 1$000

Concurso de contos do PARA TODOS...

O maior e o mais importante certamen organizado na America do Sul -- O conto brasileiro jámais teve maior incentivo no paiz

A literatura brasileira já não é mais uma "pagina em branco", na phrase de um irreverente autor francez de ha um trintennio.

Uma legião immensa de escriptores novos vive, embora ignorada, em todos os recantos do paiz. Se quizessemos, por curiosidade, reunir num só volume todos os escriptos que jazem sob a poeira das gavetas os trabalhos que a modestia ou a impossibilidade dos seus autores occultam no ineditismo, ergueriamos uma verdadeira torre de Babel de bôa literatura.

A literatura nacional existe. Vive e palpita onde ha um coração humano servido por uma penna agil. E o publico a quer. Deseja. Pede.

Necessario é, portanto, arrancal-a, desencafual-a dos escaninhos da penumbra e trazel-a para os olhos desse publico. Elle já se cansou de rir em francez e soffrer em hespanhol...

Vamos ver "o que é nosso!" Temos legitimos valores que escrevem perfeitamente quer sobre os costumes do Nordeste e do Brasil Central, quer sobre a vida dos pampas ou das praias, dos centros turbilhonantes do Rio e de São Paulo.

As revistas da nossa empresa, publicações nacionaes de maior tiragem e diffusão no territorio brasileiro, jámais têm deixado de amparar os passos da juventude literaria, animando-a para o futuro, recompensando-a.

Fazemos como Mahomet. Ella não tem coragem de vir até nós. Nós vamos ao encontro della.

GENEROS LITERARIOS

Afim de não confundir tres generos de literatura completamente diversos, resolveu "PARA TODOS..." distinguir os "contos sentimentaes ou amorosos" dos "tragicos ou policiaes" e "humoristicos", offerecendo aos vencedores de um genero os mesmos premios conferidos aos outros.

CONDIÇÕES

O presente concurso reger-se-á nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." quaesquer trabalhos literarios, ineditos e originaes do autor que os assigna.

2ª — Esses trabalhos poderão ser de qualquer estylo ou qualquer escola, como, ainda, escriptos em qualquer orthographia usada no paiz.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado do papel e em letra legivel ou á machina.

4ª — O "conto" não deve ser confundido com a "novella". Assim, os trabalhos para este concurso não devem ultrapassar a 15 tiras, ou meias folhas de papel almaço, mais ou menos.

5ª — Exclusivamente escriptores brasileiros pódem concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." e os enredos de preferencia terem scenarios nacionaes.

6ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos: a) que contenham em seu texto offensa á moral: b) citem nominalmente qualquer pessôa do nosso meio politico e social; c) sejam calcados em qualquer obra anterior ou já tenham sido publicados.

7ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymos, acompanhados de outro *enveloppe* fechado contendo a identidade e o autographo do autor, tendo este segundo escripto por fóra o titulo do trabalho e o pseudonymo.

8ª — Os concurrentes para este concurso poderão enviar quantos trabalhos desejem, e de qualquer dos generos estipulados, sendo condição essencial de que os originaes venham em *enveloppes* separados com pseudonymos differentes.

9ª — Todos os originaes literarios concurrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade dessa empresa, durante o prazo de dois annos, para a publicação em primeira mão em qualquer de suas revistas: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO", "LEITURA PARA TODOS", "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" ou outra qualquer publicação que apparecer sob sua responsabilidade.

10ª — Todo trabalho concurrente deverá vir com a indicação do genero do conto a que concorre.

PREMIOS

CONTOS SENTIMENTAES

comprehendendo todo o assumpto amoroso, romantico, lyrico, religioso.

1º collocado	500$000
2º "	300$000
3º "	250$000
4º "	150$000
5º "	100$000
6º "	50$000
7º "	50$000
8º "	50$000
9º "	50$000
10º "	50$000

11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.

16º ao 30º collocado — 1 assignatura de qualquer das seguintes publicações: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.

CONTOS TRAGICOS OU POLICIAES

comprehendendo todo o enredo de acção, mysterio, tragedia e sensação.

1º collocado	500$000
2º "	300$000
3º "	250$000
4º "	150$000
5º "	100$000
6º "	50$000
7º "	50$000
8º "	50$000
9º "	50$000
10º "	50$000

11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.

16º ao 30º collocado — 1 assignatura de qualquer das seguintes publicações: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.

CONTOS HUMORISTICOS

comprehendendo todo o assumpto de genero comico e de bom humor.

1º collocado	500$000
2º "	300$000
3º "	250$000
4º "	150$000
5º "	100$000
6º "	50$000
7º "	50$000
8º "	50$000
9º "	50$000
10º "	50$000

11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.

16º ao 30º collocado — 1 assignatura de qualquer das seguintes publicações: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.

ENCERRAMENTO

O "CONCURSO DE CONTOS DO PARA TODOS..."

iniciado no dia 21 de Junho de 1930, encerrar-se-á, definitivamente, no dia 20 de maio de 1931, para todo o Brasil.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos, poetas, e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Concurso de contos do "Para todos..."

RUA DA QUITANDA, 21 — RIO DE JANEIRO

As tintas para cabellos e alguns conselhos por

A. DORET

Raras são as tintas para cabellos que satisfazem quem as emprega. Nem sempre são inoffensivas.

Outra tintura fica esverdeada no fim de poucos dias, tal outra toma no cabello a côr de vinho tinto, bastante desagradavel aos olhos; esta é preta demais, resecca o cabello, alisa o que é ondeado, faz mais velha a pessôa que a emprega, dá á physionomia um ar severo e triste ao mesmo tempo.

Trinta annos de experiencia, de estudos, de applicação deram-me uma certa autoridade para falar nisso.

Nenhuma casa de cabelleireiro, em qualquer paiz que fosse, quer na Europa ou na America, attingiu o grão de perfeição ao da casa Doret; tenho no meu estabelecimento clientes de toda as nacionalidades que attestariam a superioridade de meus productos. A's pessoas que não pos-
meus methodos de tingir os cabellos, garantindo a innocuidade absoluta de meus productos. A's pessoas que não possam vir ao meu estabelecimento. ás pessôas longe do Rio de Janeiro, recommendo nunca tingirem os cabellos de preto; é melhor acastanhal-os que colorir o branco de preto. Isso, além de ser mais natural, mais facil será, mais hygienico.

Recommendo a todos o fluido Doret para acastanhar ou alourar o cabello, este producto é dez vezes menos forte que a agua oxygenada, não queima os cabellos e é um excellente desinfectante.

A Casa A. Doret recommenda suas manicures, seus productos incomparaveis para a belleza da pelle e cabel-

Para recoloração do cabello branco empregae o meu Henné, pure Doret, para obter o louro bastará apenas 5 a 10 minutos de applicação, para o bronzeado ½ hora, para acajou escuro, uma hora e meia.

As pessôas que querem escurecer os cabellos para castanho escuro devem empregar o Tonico Déesse n. 12.

Para qualquer caso particular é bom consultar A. Doret e seguir seus conselhos é uma garantia de bom exito.

los, seus modelos de penteados, estudados para cada pessoa, os cabelleireiros da casa Doret são verdadeiros artistas. Ondulação permanente, Marcel, Misemplis, Soins de Beaute.

A. DORET cabelleireiro — Rua Alcindo Guanabara n. 5-A — Telephone 2-2481 — Rio de Janeiro

do DR. VAN DER LAAN

Desapparecem os perigos dos partos difficeis e laboriosos.

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento durante o ultimo mez de gravidez terá um parto rapido e feliz.

Innumeros attestados provam exuberantemente sua efficacia e muitos medicos o aconselham

Vende-se aqui e em todas as pharmacias e drogarias.

Deposito geral:

ARAUJO FREITAS & CIA.
RIO DE JANEIRO

LEITE DE BELLEZA
ORIENTAL

O SUPREMO EMBELLEZADOR DA PELLE!

NAS

PERFUMARIAS LOPES

RIO-S. PAULO

CASA BAZIN - PERFUMARIA CAZAUX

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para respostas.

BAHIANITA (Bahia) — Grato pela gentileza das suas referencias á secção que dirijo. Sua letra grande mostra imaginação fertil, idéas elevadas, generosidade, orgulho. Ha tambem signaes de espirito critico, sem excluir, entretanto, alguma bondade. E' reservada e dissimulada. No momento de escrever estava sob o dominio de qualquer emoção de pesar, desalento, melancolia... Escreva-me Bahianita gentil que terei prazer sempre em attendel-a.

LYS (?) — Letra arredondada de creatura boa, gentil, meiga, amavel Um tantinho nervosa... Espirito de iniciativa, cheia de alegria, ambição, esperança. Meticulosa, amando a belleza e procurando a perfeição em tudo. Certa firmeza de caracter. Quasi teimosa quando resolve qualquer cousa.

LÊDA (Rio) — Espirito franco, brincalhão, não levando cousa alguma a serio. Imprevidente e despreoccupada. Satyrica e mordaz nas suas criticas, abespinhando-se, entretanto, quando alguem lhe aponta seus defeitos. Já sei que vou cahir no seu desagrado...

RIO APA (Rio) — A falta de espaço não permitte o estudo detalhado que deseja, e mesmo os consulentes são muitos... As linhas ascendentes da sua carta mostram alegria de viver, enthusiasmo, iniciativa, esperança, ambição. E' tambem economico e... pernostico... Pouco sincero, dissimulado pois a letra da sua assignatura é bem diversa daquella com que escreveu a carta.

Concurso de Contos do PARA TODOS...

Considerando o enorme numero de cartas que vimos recebendo diariamente com pedidos para que dilatemos ainda mais o prazo para recebimento de originaes referentes ao Concurso de Contos do "Para Todos...", visto terem-se extraviado muitos com a desorganização dos correios em época de revolução, resolvemos prorogar o prazo para o encerramento deste certamen até o dia 20 de Maio proximo futuro.

ADNALOY (Palmeiras — S. Paulo) — Sua graphia um tanto masculina mostra firmeza, energia, força de vontade, perseverança. Fraca imaginação, preguiça mental, preferindo repetir a crear... Reserva e temperamento accommodaticio.

MERCEDITA (Palmeiras — S. Paulo) — Nervosismo, fraqueza, fragilidade, perturbações cardio-vasculares. A mesma falta de imaginação da antecedente, embora seja um pouco fantasistas sem elevados ideaes. Temperamento displicente. Infantilidade.

ADEL (?) — Por mais que pretendesse disfarçar a letra tornando-a maior, vê-se que Adel é a mesma Leda, alegre e brincalhona que pretendeu fingir de rapaz assignando aquelle "Seu criado obrigado Adel", que não pegou...

De outra vez seja mais esperta Leda que, por signal eu soube que se chama Adelina M. S. Não é? Como vê, estou bem informado...

PETITE CALINE (Rio) — Muito interessante sua cartinha. Delicioso aquelle auto-retrato, que, — se não me engano, — já vi no "Excelsior". Apesar da bondade que lhe reveste o coração é um tantinho vingativa, não perdoando offensas. E' inconstante, voluvel, intelligente e vaidosa, como, aliás, as lindas filhas de Eva que têm a certeza de serem lindas... Alma poetica, sonhadora, vive sempre no mundo azul da fantasia, construindo castellos no ar. Um tanto enigmatica, não se sabe quando está de bom humor ou mal humorada, passando, quasi sem transição, da mais ruidosa alegria, a tristeza mais profunda. Fica-lhe muito bem o pseudonymo escolhido. Escreva-me.

PAULISTA (S. Paulo) — Você acertou. Eu sou mesmo como imagina que eu seja. Nem que me conhecesse pessoalmente!...

Sua letrinha (e aqui vae bem o diminutivo) denota muita finura, delicadeza, amor ás minucias, talvez myopia. Muita sensibilidade, um pouco de dissimulação, amor proprio muito susceptivel e egoismo, que deve ser ciume.

E' tambem observadora, de alma alegre e simples. Boa camaradinha é você, Paulista gentil.

TRISTÃO DE IZOLDA

A CHINA TOMANDO CAFE'

Washington (Sipa). — Segundo informa um relatorio do Departamento de Commercio, apesar de ser o chá muito mais usado na China que o café, ha indicações evidentes de que o habito de tomar café se está desen-

volvendo, mesmo entre os chinezes que nunca estiveram no extrangeiro, mas que são postos em contacto com os habitos occidentaes nos portos abertos da China.

Os jovens chinezes que assistem frequentemente a jantares e bailes nos salões dos grandes hoteis modernos

de Shanghai ou nos numerosos cafés daquella cidade, têm-se habituado ás comidas e bebidas extrangeiras, incluindo o café, e são muitas vezes acompanhados pelos membros de mais edade da familia que cada vez mais patronizam os restaurants de estylo crescente por chinezes de alta sociedade, muitos dos quaes nunca estiveram no extrangeiro. A população russa extrangeiro. Uma grande parte dos chinezes que experimentam beber café acostumam-se rapidamente a essa bebida.

Os principaes consumidores de café na China são ainda provavelmente as populações extrangeiras, vindo a seguir um certo consumo por estudantes chinezes que voltaram do extrangeiro e um consumo indubitavelmente crescente nos diversos portos tambem é um elemento a considerar e para ella o preço é um factor muito importante.

Para todos...

Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director - Gerente Antonio A. de Souza e Silva. Assignatura: Brasil — 1 anno, 48$000 ; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro — 1 anno, ... 85$000; 6 mezes, 45$000.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro deve ser dirigida para a rua da Quitanda, 7 — Rio de Janeiro.

As Ave-Maria de 7 de maio de 1923
(No outeiro da Gloria)

GLORIA

OS olhos olham-se! As mãos tocam-se. As boccas unem-se. O sino alegra-se.

Si!..Si!.. Ave Maria!

O largo resoa. Silencio. Os passos vibram. Os corpos cortam o ar sonoro.

Si bemol! Ave Maria!

O sol morreu. O céo é duro. Tudo pesa no ar cinzento. O Amor exalta-se. Os desejos do mar sobem a collina, cavalgando os ventos!

Si..Si! Ave Maria!

A brisa passa. As bananeiras cortejam. O ar verde refulge Os Amantes transfiguram-se.

Si bemol! Ave Maria!

Os Amantes miram a morada do Sonho. O muro envelheceu. Os limos divertem-se. As figuras illudem. Perdição infinita.

Si.. Si! Ave Maria!

Tudo move-se na immobilidade. As serpentinas ruas preparam-se para a luz. Uma lampada accende-se. Cada lampada é um sol. Começa o festim.

Si bemol! Ave Maria!

A noite esquece-se. O jogo das cousas é eterno. A terra enche-se de sóes e estrellas. O Universo é Amor. A noite é uma aurora. Alegria!

GRAÇA ARANHA

J.C.

Greta Garbo

AMOR QUE

ARMANDO GÓES descera do "omnibus" e subira ao escriptorio do amigo, Paulo Costa, na Avenida Rio Branco. Era á tarde, uma tarde fresca e sem sol. Suave. De brisas harpejando os verdes ramalhos das arvores. Bonita. Lá embaixo.

Entrou, comprimentou o amigo e a ambos se inquiriram, mutuamente, do que havia de novo. A luta fratricida enchendo o paiz de inquietação e de dor com as suas consequencias terriveis reflectindo-se na actividade nacional e a triste perspectiva de agros acontecimentos.

Armando Góes, pegou um jornal cor de rosa que adquirira na rua e abriu-o, passando os olhos sobre os grandes titulos negruscos. Atirou-o depois sobre a secretaria do amigo e dirigiu-se para a janella. Ficou olhando a Avenida embaixo, com os transeuntes indo e vindo, parando, conversando, movimentando-se; a longa fila morta de automoveis entre o espaço de uma a outra arvore; perto, á direita a Praça Mauá, em cujo cáes um transatlantico atracára e ao longe, em frente, massas disformes de morros que uma neblina translacida cobria, imponderavelmente.

Paulo Costa chegou-se tambem á janella. Ficou ao lado do amigo.

— A's vezes fico a pensar por que essas lutas cruentas, por que as guerras, os assassinios, as grandes hecatombes.

Armando Góes côllaborou:

— Tantas miserias. O mundo bem poderia ser um jardim de harmonia. Onde sobre o trabalho fecundo e constructor, os odios e as ambições se diluissem e só houvesse a fraternidade e o bem...

— Porque só estes perduram, concluiu Paulo Costa.

Houve após um silencio. A' tarde esmaecia em coloridos tenuissimos. Dolentemente.

— Vamos sahir? convidou Paulo Costa.

— Vamos, acquiesceu Armando Góes.

Fecharam o escriptorio e desceram.

*
* *

Amigos ha mais de vinte annos, jámais houvera entre ambos um motivo de queixa ou resentimento. A minima sombra empanando a amisade sem arestas. Isso desde que chegaram da provincia e se encontraram lutando pelo mesmo ideal, na mesma natural ambição de vencer na batalha da vida. E foi na luta quotidiana, no amanho das dores e das alegrias, rompendo empecilhos, misturando jubilos e lagrimas, que a asmiade tornou-se forte e de todo o sempre.

No dia seguinte ao da conversa no escriptorio, Paulo Costa fôra procurado por uma senhora que lhe ia entregar certa causa. E ouvia attento a longa e complicada historia de um inventario, quando entrou o amigo.

Armando Góes ficou num vão da janella, lendo ou fingindo ler um jornal do dia, más vendo melhor a creatura que entregava o seu caso á advógacia do amigo. Impressionado com a sua voz que dir-se-ia ter colorido e melodia; com os seus olhos de um verde esmaecido e casto, com a bocca breve como o beijo que se furta, com a sua cabelleira de oiro antiquissimo.

Paulo Costa attentava menos no relato da questão do que na mulher que a expunha á sua habilidade de advogado.

Quando ella sahiu, ambos tiveram a mesma exclamação:

— Linda!

Era linda devéras. No dia seguinte a mesma mulher, que sabiam agora divorciada, preoccupava aos dois amigos. Vivia nos dois com uma alvorada, rutilante como um dia de primavera. Atiçava nos dois, inconscientemente, a chamma do mesmo desejo. Embalava os dois na rêde macia do mesmo sonho jubiloso.

SEPARA

POR CARLOS RUBENS

Greta Garbo

Gracejavam:

— A *"nossa"* namorada ha dois dias que não apparece.

— E' verdade. Vou telephonar-lhe hoje. Precisamos vel-a.

Mas com os dias que vieram vindo, o ciume invadia, simultaneamente, o coração de Armando Góes e Paulo Costa. Cada um sentia, sem confessar, que estava gostanto de verdade da mesma mulher. Ainda assim, porque se não revelavam, a amisade persistia, resistindo. Mesmo porque tambem nenhum achava possibilidade numa desavença por causa de mulheres, que era coisa que não os preoccupara demasiadamente nunca.

— Havemos de nos bater em duello por causa da nossa nomorada! dissera Paulo Costa, rindo, batendo no hombro do amigo.

Fôra o ultimo gracejo. O desejo de conquistar a constituinte do amigo, levara Armando Góes ao desvario. O desejo ou o bem que por ella sentia. Allucinava-o. Por sua vez, Paulo Costa procurava possuir a formosa creatura que o destino levara ao seu escriptorio e via que ella não era estranha ao amigo.

Um dia, por motivo futil, encheram-se de razões, discutiram, amuaram-se. E não se falaram mais. Nunca mais.

***

Alda Queiroz, com a natural perspicacia do sexo, notara que ha dias não encontrava Armando Góes no escriptorio do amigo e comprehendeu que era causa da separação de ambos. Decifrava agora certas phrases do seu advogado, certos olhares e delicadezas. Não tinha indicação por nenhum dos dois. Talvez que por Paulo Costa ainda chegasse a ter alguma affeição. E ao mesmo tempo achava que talvez nem isso. O homem a interessava, os homens, não. De que lhe serviria o affecto de um ou de outro? Ama-se por alguma coisa; deseja-se por alguma coisa. E essa coisa ella não achava nem num nem noutro.

Via, porem, que sem pensar nisso, accendera o desejo em dois corações, incendiara de uma só vez duas almas.

Não se regosijava com esse acontecimento. Soffria quasi. Armando e Paulo eram duas amisades velhas. Dois irmãos. Ella tinha sido, embora sem o querer, e sem que dahi lhe viesse nenhum interesse e prazer, o pomo amargo da discordia entre ambos, separando-os.

Sósinha, no seu quarto, ficou a pensar na antiga amisade dos dois, sem uma rusga, tantos annos, tantos, e agora ambos separados por sua causa e sem que ella sequer demonstrasse sympathia especial por qualquer delles. Seria lá possivel que o amor feito para unir, tambem desunisse, estiolando a flor das amisades que pareciam immarcesciveis!

Tinha que tomar uma resolução, immediatamente. Não encontrava nenhum goso em fomentar malquerenças e separar duas almas. Havia de encontrar um caminho de sahida para a situação em que se encontrava. Em que o destino a collocara e aturdia. Ensimesmou-se. Abstrahiu-se. Tomaria uma resolução definitiva sem magua nem sacrificio.

Procurou um amigo, passou-lhe procuração para tratar de todos os seus negocios e ausentou-se inopinadamente.

Foi uma solução que talvez pudesse contentar de uma vez tres creaturas: aos dois que não triumpharam na conquista da mulher ambicionada e a esta que julgou que fugindo não concorresse para a separação definitiva delles.

O amor que une os seres, indissoluvelmente, desta vez separou-os para todo o sempre.

OUTUBRO, 930

O PRINCIPE DE GALLES E OUTRAS ROUPAS

A cidade tem muitas preoccupações neste momento. A espéra das segundas edições dos jornaes da tarde para saber quem foi demittido. Os temporaes que desabam embóra o boletim meteorologico diga isso. Os interventores. Os suicidios. A Constituinte Os mezes que ainda faltam para o Carnaval. O communismo. Etc., etc., etc. Assumptos sobre assumptos. Nunca se falou tanto no Rio de Janeiro. E' uma atrapalhação no transito das conversas. Principalmente porque no meio das coisas que se commentam, entre as trepações, as discussões, as confusões, surge de repente o boato e põe tudo de pernas para o ar. O boato não obedece aos signaes. Entra quando quér entrar, no vermelho e no verde, á bessa.

Com os nervos excitados assim, assim de cabeça chiando, sem dinheiro, sem socego, a terra carioca ainda não pensou como é que vae receber o Principe de Galles. E é melhor que não pense. E' melhor receber o hospede encantador, de improviso. Festa premeditada é festa chinfrim.

Sua Alteza conversando com o famoso corredor de uma perna só: Joe Johnson

«Nem tudo que se diz se faz...»

O que é preciso é o rapaz chegar. Depois delle chegar é que vae ser bom. O Brasil agóra anda de namoro com a Inglaterra. A America do Norte está damnada. Que esteja!

«Deixa essa mulher chorar,
deixa essa mulher chorar
p'rá pagar o que me fez...»

No Principe de Galles o Brasil receberá a Inglaterra. A Inglaterra moderna, vestida de sport, rica, alegre. Até parece homem. Na certa que o Brasil trata casamento com a Inglaterra:

«Se você jurar
que me tem amor,
eu posso me regenerar...»

E na certa que se regenéra. Deixa de bater em lata velha toda enferrujada. Deixa de andar vestido de farrapo.

O mundo que se acostumou a imaginar o Brasil cada vez mais nú, o mundo ha de vêr com que roupa, com que roupa o Brasil vae comparecer ao concerto das Nações!

Chegue depressa, Principe de Galles!

O baile de Nênê Baroukel

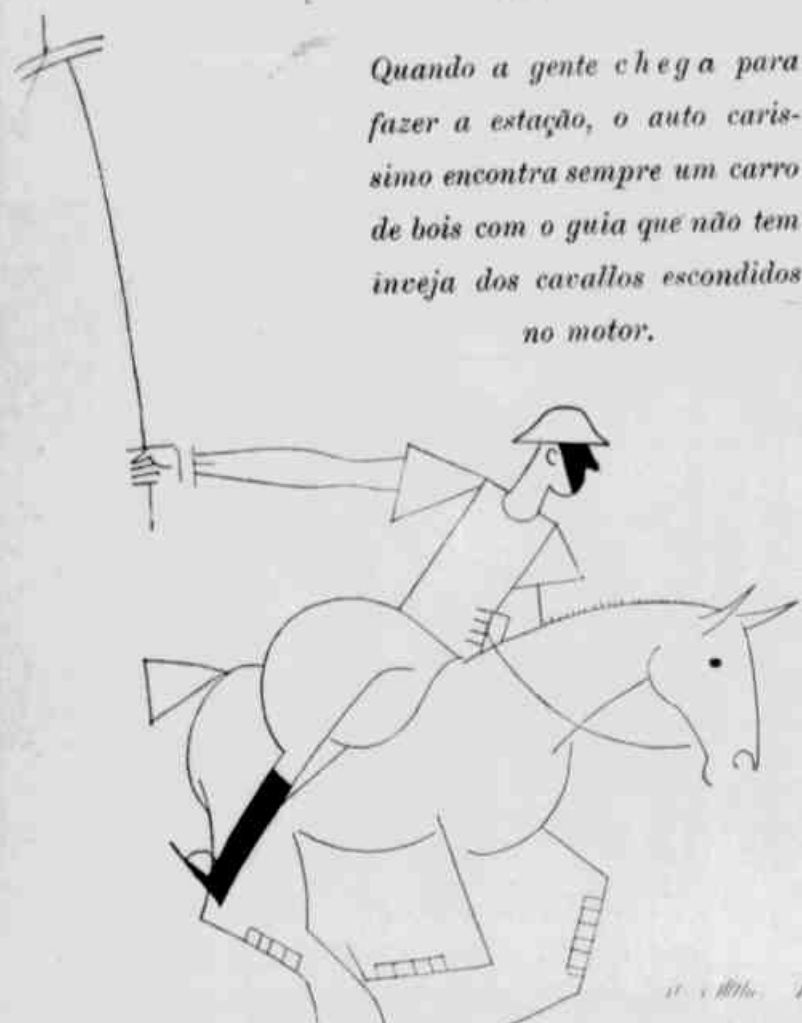
O "Diario Carioca" offereceu, sabbado passado, nos salões do Automovel Club do Brasil, uma linda festa que foi o baile da Victoria do concurso de declamação.

A vencedora, dona do titulo de "A melhor declamadora do 'Brasil", Senhorita Nênê Baroukel, está no centro da photographia ao alto, um pouco para a direita.

Cantava? Pois dance agòra!...

Em cima e no meio: grupos apanhados no baile do Praia Club
Em baixo: durante a Festa Branca no C. R. do Flamengo

BIARRITZ

Quando a gente chega para fazer a estação, o auto carissimo encontra sempre um carro de bois com o guia que não tem inveja dos cavallos escondidos no motor.

Hysterismo ao ar livre

Entre a hora do almoço e a hora do chá, da leitura, do bridge, do golf na Chiberta, das corridas de barata pelas estradas, para descansar os elegantes vão para o campo de polo ...

— Meu Deus! Como o mundo é grande!

Desenhos de Lavererie

A QUE

TENHO notado que Anatilde não está muito contente — disse, preoccupada, Isabel. De um tempo a esta parte acho-a pesarosa.

— O noivo, filha, o bendito noivo! — observou Martha sorrindo. — Tu sabes quão exigente e ridiculo é. Aborrece-a, com toda a certeza, com alguma bobagem: que cortou o cabello muito curto, que o decote está muito exaggerado, e ella, a bôba, em vez de protestar, fica triste.

— Sim, tens razão; mas, se não nos enganamos, ella não passa de uma sonsa. Ah, estas mulheres!...

— Um momento, Isabel — interrompeu Martha. — O noivo pode ser um ridiculo, mas se a noiva o quer assim mesmo, não tem outro remedio senão aguental-o...

— Eu não o aguentaria...

— Bem... Fazes mal em falar assim, porque...

— Porque, até os trinta annos, que são os que trago no lombo, não tive mais que um noivo? — interrompeu-a com vivivacidade. — Pois enganaste. O meu noivo, despacheio-o por isso mesmo... E logo fiquei convencida de que os homens são uns egoistas. Com essa experiencia, querida amiga, não quiz mais saber de amores.

Nesse momento Anatilde entrou na sala em que as duas amigas tomavam chá.

— Precisamente — disse Isabel — commentavamos tua melancolia, tua dolorosa melancolia.

Anatilde sorriu com indifferença e, servindo o chá, completou:

— Nós, as noivas, sempre temos algo de romanticas...

— E os noivos de despostas? — perguntou Martha.

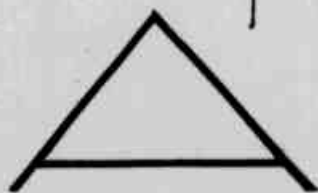
Anatilde não respondeu logo. Mas fazendo um esforço, disse:

— Talvez vocês me possam explicar — e sentando-se, em tom confidencial, disse-lhes: — Ha doze dias mais ou menos noto uma enorme differença em Heitor. Não sei, parece que me evita, parece-me desejar fugir de mim. Sempre foi tão pontual e carinhoso, e agora, tão distrahido; ha noites seguidas que não me chama ao telephone para desejar-me as boas noites...

— Está, acaso, preoccupado com algum negocio? — observou Martha. Tu sabes que é muito trabalhador e anda em mil combinações, e, quem sabe, talvez numa dessas que não se sahisse bem...

— Sim... Já pensei nisso e lhe perguntei, reclamando o direito de compartilhar de suas inquietudes. Asseverou-me que não, que seus negocios vão bem. Julguei que essa mudança em seu carinho fosse motivada por alguma outra mulher, e jurou-me que me amava cada vez mais. Eu não sei... não sei o que se está passando com Heitor.

Anatilde ficou pensativa.

— Talvez tenha uma dessas crises mentaes que se approximam da neurasthenia — suggeriu Isabel. Mas se elle te garante que não é nada, não te deves preoccupar e andar com cara de alma penada.

— Olá! Aqui estou eu! — exclamou Elisa, entrando num turbilhão. Beijou as tres, sentou-se e começou a servir-se de chá emquanto dizia rapida e atturdidamente:

— Que tal, que tal? Por onde têm andado? Eu venho de *Tigre*... Aquillo por lá está mesmo um amor! Como? Não vão sahir? Ah!... sim. Venho convidal-as para esta noite; iremos todas quatro ao circo... Que farra, heim! Disseram-me que ha uns numeros interessantissimos. Venham...

— Eu não posso — disse Anatilde — Ainda se Heitor viesse...

— Olha — disse Martha — Parece-me que deves ir, sem avisar a Heitor. Uma attitude assim pode fazel-o mudar de pensar.

— Sim, vocês têm razão. — acceitou Anatilde. — Contem commigo...

— Magnifico! Então, ás nove em ponto venho buscal-as na minha *Fiat*.

Tomou de um sôrvo a chicara de chá, deu um beijo nesta, um abraço na outra e uma palmadinha no rosto da terceira, e sahiu como havia entrado.

— Que alivio! — exclamou Isabel, suspirando — Elisa é muito boa e bellissima, mas... ataca-me os nervos. Filhas! Que inquietação, que modos de brincar!... Uff!...

— Esse nervosismo desapparecerá quando te tocar a vez de namorar. — disse Anatilde, e, mudando de tom, juntou:

— Ficam para jantar commigo? Sinão Elisa não nos encontrará promptas quando chegar...

As amigas acceitaram e, como ainda era cedo, sahiram a passear um pouco.

— Eu caminho sempre — assegurou Martha — E' a unica maneira de conservar a silhueta; o peor é que sempre regresso com um appetitte feroz.

Havia, porém muito exaggero; posta a mesa, Martha foi das que comeu menos.

A's nove em ponto o luxuoso carro de Elisa chamou, entre uma algazarra ensurdecedora, as amigas. E, alegres, partiram aquellas quatro cabecinhas de vento para o circo.

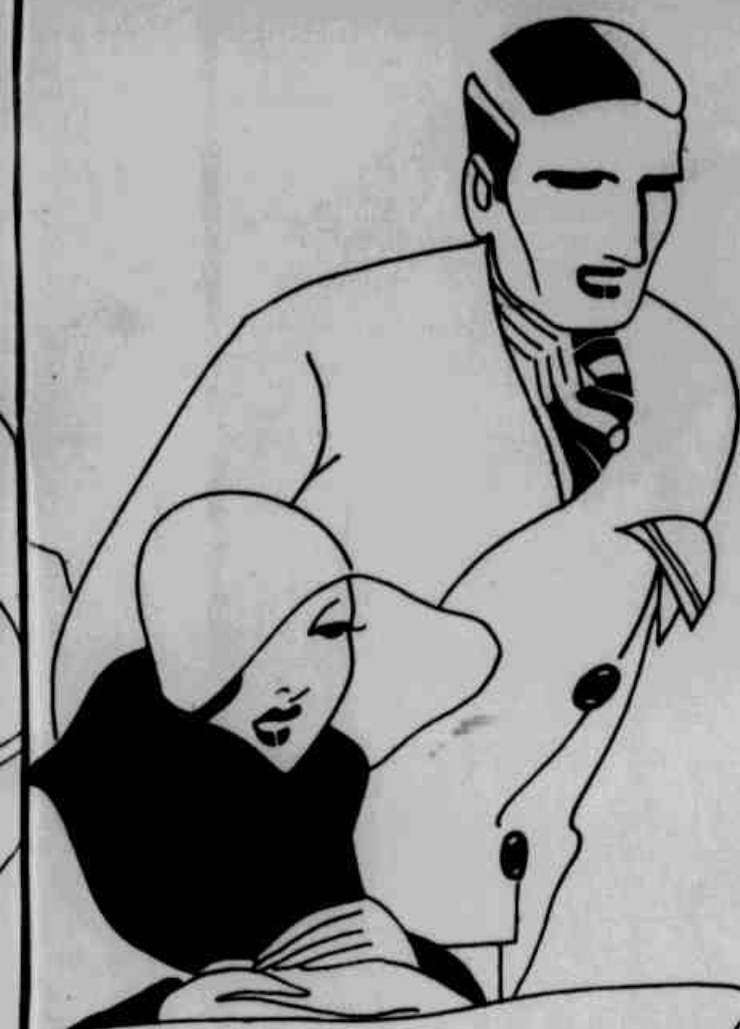
Installadas na primeira fila, seguiram com grande interesse o espectaculo.

— Que numero vem agora? — perguntou Isabel.

— E' a attracção da noite. E' o nu-

MORREU DE AMOR

UM CONTO DE SARA H. MONTES
TRADUZIDO POR ALBERTUS DE CARVALHO
ILLUSTRADO POR J. CARLOS

mero dos *Mars* — disse Elisa — Uns bailarinos acrobatas muito interessantes.

Fez-se um pequeno intervallo, no qual levantaram o tablado ao centro do circo.

A orchestra executou uma dessas indefiniveis marchas e uma voz atroadora annunciou:

— *Os Mars! Os Mars!* Attenção!

— Você aqui! — disse Anatilde, voltando-se assombrada.

— Sim, toquei o telephone para tua casa... e informaram-me que estavas aqui...

— Sente-se, Heitor — disse Elisa.

— Não, não. Estou bem aqui, senhorita — respondeu o rapaz, sentando-se atraz de Anatilde.

Naquelle momento appareceu no palco o celebre *duo Mars*. Ella, uma mulher encantadora, em traje de acrobata; elle, um homem que impressionava desagradavelmente, com algo de estranho e chocante, e fazia mais violento o contraste com a companheira, o *frac* negro que vestia; assemelhavam-se a um corvo e uma mariposa de luz.

Começou a dansa, uma dansa estranha, um mixto de acrobacia e baile, com passos muito elegantes, com saltos e posturas inverosimeis.

Era attrahente e o publico applaudiu com tal enthusiasmo, que voltaram a apparecer e repetiram a ultima parte. Era um passo muito bonito em que elle cruzava o tablado suspendendo-a dobrada em arco, numa posição difficilima. Ella dobrou-se, depois um pouco mais e cahiu pesadamente ao solo, de cabeça.

Correram todos e levaram-na nos braços para o camarim. Poucos minutos depois appareceu um artista e disse que a senhora Mars havia soffrido um desmaio, e, indisposta agora, não proseguiria o seu trabalho, embora outros numeros continuassem...

O publico, impressionado pelo incidente, começou a abandonar a sala. — Onde está Heitor? — perguntou Elisa.

— Não sei — respondeu Anatilde — foi certamente averiguar o que se passou, e ainda não veio. Mas, vamos... não podemos esperal-o.

Partiram, surprehendidas por aquella brusca desapparição de Heitor.

Na manhã seguinte, não seriam óito horas ainda, quando o telephone tilintou chamando Anatilde:

— Como, tu?

— Sim, meu amor. Se é possivel, necessito que me acompanhes até o hospital. Daqui a uma hora vou buscar-te... Depois explicar-te-ei.

— Está bem. Daqui a uma hora.

E pontual, pouco antes da hora marcada, aguardava-a á porta da rua.

Esperavam um auto.

Emquanto isso, Heitor explicou:

— A senhora Mars... chamava-se Feelisa Córdoba e foi minha *noiva* quando tinha onze annos. Imagina que noiva! Era um anjo encantador e eu me satisfazia só em olhal-a por julgar que eu era seu noivo... Os azares da vida separaram-nos voltando a juntar-nos quando ella tinha vinte annos... Oh, tudo havia mudado... e tanto, tanto... Ella era a noiva do tal Mars, sujeito estranho, dominou-a de tal maneira que até praticou actos indignos! Faz doze dias encontrei-a neste circo e me pediu que a defendesse daquelle miseravel. Eu tenho pensado de todas as formas, sem no entretanto encontrar um meio de livral-a disto. Por fim, decidi consultar-te, Anatilde... Agora... não sei... vamos vêr...

Chegaram ao hospital e foram levados ao leito de Felisa Córdoba.

— Não ha esperanças — disse o medico a Heitor. — E' questão de momentos.

Felisa abriu os olhos.

— Ah... — e olhando longamente para Anatilde, sorriu, dizendo: — Linda... linda, muito linda... Obrigada, Heitor... Quando a vi a teu lado, tão linda, desesperei-me..., perdida tua ajuda..., a unica para livrar-me.

(Termina no fim do numero).

O poeta que não amou

POR FERNANDO NEVES

BERTA SINGERMAN
(Desenho de Alvarus)

"Num gesto angelico de bençam,
Namorados que o poente entristeceu,
Rezam nomes, talvez, de almas que nelles pen-
[sam...
Todos, por certo... Menos eu.

Eu só não tenho alguem na vida,
Que, entrelaçando o seu destino ao meu,
Se recorde de mim nesta hora commovida...
Todos amaram... Menos eu."

Se a confissão fosse verdadeira, seria o caso de termos, nesse ponto, uma certa inveja da vida do poeta. Mas...

A primeira metade do anno de 1927 foi funesta para a literatura e a arte nacionaes. Como diria, com emphase especial e modulações na voz, qualquer orador suburbano classificado no ramo "necrologico", a mão descarnada da Morte divertiu-se, implacavel e sinistra, em arrancar do nosso convivio um grupo de homens cujos nomes brilhavam nos dominios do intellectualismo.

Falleceu Viveiros de Castro, de tanto relevo nas letras juridicas. Foi-se Agenor Chaves, de que o Theatro brasileiro poderia esperar muito, mas que a morte não deixou ir além de ensaios promissores. Morreu Abdon Milanez, que tantos serviços prestou ao Brasil, em differentes posições e que, nos ultimos tempos, se firmára como escriptor theatral, fixando com exactidão, em trabalhos bem observados, aspectos e costumes da sociedade contemporanea. Desappareceu o maestro Carlos de Campos, nas horas vagas Presidente do Estado de São Paulo, cuja harmonia administrativa foi quebrada pelo sibilar desafinado de projectis rebeldes.

Mas, de todas essas mortes, talvez nenhuma fosse tão sincera e justamente sentida como a de Paulo Gonçalves. "Não ha nada mais inesperado, no momento em que se produz, do que aquillo que se espera..." A phrase é de Mario Nunes. Assim, a morte de Paulo Gonçalves, cuja saúde todos sabiam abalada, surprehendeu dolorosamente a todos os que o estimavam.

Deixou-nos o poeta santista todas as credenciaes exigidas pelo nosso sentimentalismo: morreu moço, morreu pobre e — dizem alguns — morreu tuberculoso. Póde ser que este ultimo detalhe não seja exacto. Não vi o seu attestado de obito. Mas não é provavel. Poeta que não morre tuberculoso, não morre como poeta que se preza. Haja, vista, por exemplo, Alvares de Azevedo, que alguem descobriu ter morrido devido a uma desintelligencia que teve com a respectiva fossa illiaca, mas que, segundo a crença de muitos, morreu de tuberculose.

E se me fosse permittido auxiliar a acção das autoridades sanitarias, eu lembraria que, nos conselheiraes cartazes por meio dos quaes, num paiz de alto coefficiente de analphabetos, pretendem combater tão terrivel molestia, ellas chamassem a attenção do povo para a preferencia por esta dispensada aos vates...

O desapparecimento de Francisco de Paula Gançalves — seu verdadeiro nome — é relativamente recente. Os vencidos não têm historia e Paulo Gonçalves, no dizer dos que o conheceram, foi um quasi vencido. Tudo o que se poderia dizer sobre elle, já o disseram pessoas mais conhecedoras do seu viver, lamentando a difficultosa vida do poeta, sem outro lenitivo que não fosse o proprio idealismo, a sua saude precaria, o seu temperamento doentio.

Quando morre um homem que, por qualquer circumstancia, em vida se destacou dos demais, ficam assanhados todos os escriptores sem assumpto. E apparece nos jornaes uma interminavel serie de artigos cheios de um sentimentalismo para uso externo, cheirando a missa de setimo dia, trazendo a publico todas as qualidades que teve o morto e até as que elle não teve. A's vezes (isto foi escripto antes da prophylaxia revolucionaria...) é um politico sem outra funcção além das de receber silenciosamente o subsidio e zelar pelo bom funccionamento da engrenagem da fraude eleitoral, a quem brindaram, em vida, com formidaveis descomposturas em estylo favellesco. Mas passa a ser, depois de morto, um administrador probo, patriota integro, etc., etc. Se se trata de um literato (lembram-se de Hermes Fontes?), concedem-lhe até as honras de um talento que lhe negavam antes...

Não é, pois, de estranhar que, os que, tarde demais, se mostraram sabedores das vicissitudes por que passou o poeta de "Yara", não tivessem reparado, antes, na infelicidade que o cercava e não procurassem um meio — que deveria existir — de minorar-lhe as difficuldades...

Paulo Gonçalves, porém, foi ainda mais infeliz. Ao propagar-se a noticia de seu fallecimento em sua cidade natal, na tarde de 8 de Abril, foi geral a consternação. E elle, que havia sido sempre um timido, um retrahido, teve a acompanhal-o á tumba o pesar de toda a Nação intellectual. A Academia Brasileira de Letras, que o premiara em 1925, por proposta do Sr. Conde de Affonso Celso; a "Hora Literaria", de Sergipe, por proposta brilhantemente justificada por Manoelito Campos; a Academia Pedro II (hoje metamorphoseada em Academia Carioca de Letras) e outras sociedades literarias do paiz, inscreveram nas actas de suas sessões votos de pesar pelo fallecimento do infortunato jornalista. Entretanto, uma dellas, justamente a que mais deveria sentir a falta de um notavel comediographo, destoou da unanimidade, num gesto sincero que talvez tivesse passado despercebido no momento, convindo lembral-o. Abdon Milanez e Agenor Chaves, membros da sociedade em questão, já haviam ido decifrar a incognita do Além e foi proposta uma secção especial em sua homenagem, proposta essa immediatamente approvada. Mas quando alguem suggeriu que tal homenagem fosse extensiva ao autor de "As mulheres não querem almas...", houve quem se oppuzesse, e com argumentos taes, que a suggestão cahiu... limitando-se a homenagem a um simples voto de pesar em acta. Paulo era, talvez, grande demais para, como os outros, merecer uma homenagem especial...

Nessa occasião, aproveitando a deixa que me offerecia um folhetim de Mario Nunes, escrevi a este, num impeto de indignação quixotesca, uma carta na qual suggeria que os

(Termina no fim do numero).

No tumulo de Graça Aranha

Visita da Fundação que tem o nome do grande escriptor, no dia 27, quando fez um mez da morte delle.

O logar onde descansa Graça Aranha estava todo florido por Dona Nazareth Prado, a sua discipula querida e incomparavel amiga até os ultimos instantes. A' constante vigilancia, aos cuidados infatigaveis de Dona Nazareth Prado, todos os que amavam Graça Aranha devem o prolongamento daquella vida exemplar. Dona Nazareth Prado foi tambem a inspiradora e creadora da Fundação Graça Aranha.

Afranio de Mello Franco

NESTES tempos de communismo, não é bom dizer de um homem que elle pertence á aristocracia. Mas Afranio de Mello Franco faz parte de um grupo de creaturas nascidas differentes numa terra onde tudo parece igual. Foi assim Eduardo Prado. Foi assim Joaquim Nabuco. E Machado de Assis. E Affonso Arinos. Graça Aranha, que a mórte levou ainda ha pouco, foi assim. Nobres sem brazões e sem aquelle sangue que desistiu de ser azul desde que o vermelho se tornou a côr da moda. Os fidalgos do geito de Afranio de Mello Franco não são os que perdem as cabeças quando os regimens mudam. Ao contrario. Os regimens mudam para descobrir as cabeças delles e collocal-as no logar dellas. A gente queria Afranio de Mello Franco no Ministerio do Exterior. Queria. Torcia em todos os ensaios de governo novo. Inutilmente. Veiu a Revolução. Prompto!

ALVARO MOREYRA

Desenho de J. Carlos

A eleição de Mademoiselle Paris

A platéa de um dos maiores "music-halls" de Paris, o Empire, durante o desfile das candidatas ao titulo de Mademoiselle Paris. Escriptores, artistas, costureiros, gente elegante, de todos os sexos, esperam o julgamento e applaudem os lindos corpos e os vestidos lindos.

Léo Poldès pede ao jury que analyse, examine, reflicta muito antes de pronunciar a sua sentença.

Depois da eleição

Os eleitores tiveram por presidente M. André de Fouquières e foram entre outros, Joë Bridge, Dalio, Berretrot, Saint-Granier, Léo Poldès.

Saint-Granier apresenta á sala apinhada Viviane Ortmans, Mademoiselle Paris.

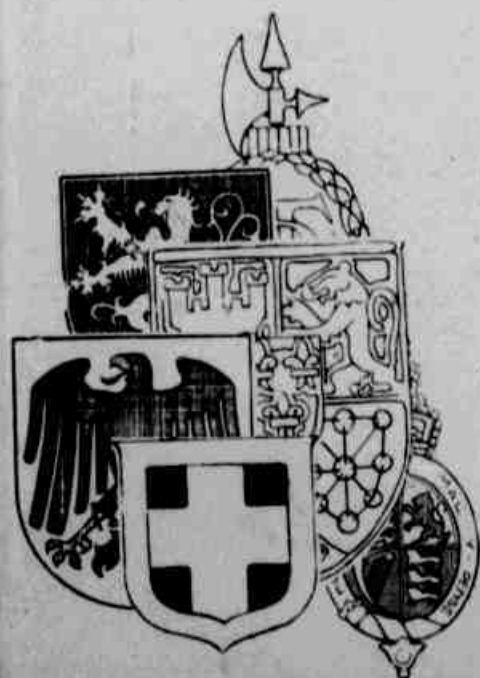
Belleza Internacional

Miss Belgica (Senhorita Duchateau

Miss Inglaterra (Senhorita Betty Mason)

Miss Italia (Senhorita Claudia Noceti)

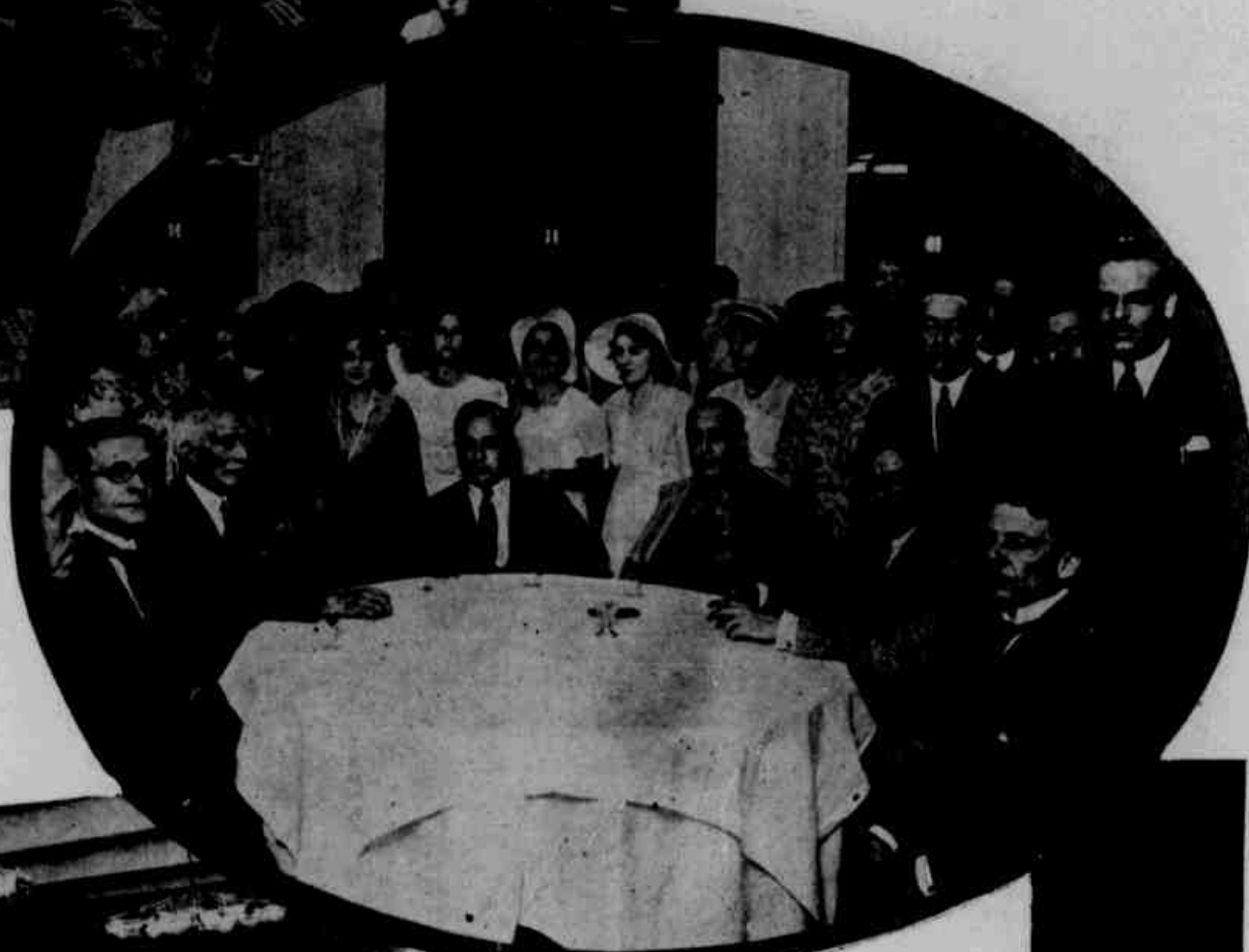
Miss Hespanha (Senhorita Carreno)

Photos G. L. Manuel Frères — Paris —

Misses de 1931

Miss Allemanha (Senhorita Richard)

Miss França, eleita Miss Europa (Senhorita Juilla)

O Presidente Getulio Vargas em Minas Geraes

Chegada a Juiz de Fora. O Chefe do Governo Provisorio com os Senhores Antonio Carlos e Pedro Marques.

No Palace Hotel

Dois aspectos do banquete offerecido ao Presidente Getulio Vargas pela Prefeitura de Juiz de Fora.

(Photos Nestor)

CHANGÔ.

A dor de viver
do branco humilhada
mudou em zuada
da raça a oração:

— EXÚ!
Tirili para bêbê!
Tirili lônão!

No som dos ingonos
ha sombras de somnos
que a mundos sem donos
nos fazem levar:

— ODÉ! ODÉ!
Paminê!
Paruafá!
Paminê!
ODÉ!

Ha sombras de somnos
vindos de liamba
de que é o samba
sonho singular:

— ÊMANJÁ!
Ná!
Saphyrêê!
ÊMANJÁ!

Naquella mulata
de gestos disformes
ha coisas enormes,
que de tão enormes
nem é bom falar:

— ÊMANJÁ!
Ná!
Saphyrêê!
ÊMANJÁ!

Ninguem comprehende
sua exaltação,
com os olhos no chão,
traçando com a mão
hyperboles no ar:

— Mario'á!
Mari!!
OGUN!
Balaxó!

Ah! Basta que a entenda
as sombras de somnos
dos tristes ingonos
que a mundos sem donos
nos fazem levar...

.. ..

As sombras de somnos
que a mundos sem donos
nos fazem levar...

— Caôô!
Cabecilé!
CHANGÔ! CHANGÔ!

Poema de Ascenso Ferreira
Desenho de Lula

Do Carnaval deste anno

Paulo Sampaio
e Luiz Carlos Mendonça

(Photo
Rosso Cerri
S. Paulo)

Isabel
Sampaio

Gabinete de trabalho por Muratore Nicolas

O APARTAMENTO AZUL

COMEDIA EM 6 QUADROS

DE

IBRASIL GERSON

1º QUADRO — quarto de dormir de um apartamento de luxo, com decoração muito moderna e exquisita. Ha uma cama ao fundo, com telephone e **abat-jour** azul á cabeceira. Penumbra. O **abat-jour** illumina a cabeça de Luis, um rapaz de 25 annos, que está deitado, lendo uma revista.

LUIS — **(com somno, espreguiça-se, atira para o lado a revista e começa a dormir, apagando primeiro a luz. A scena fica escura. E alguns segundos depois o telephone toca, nervosamente, uma, duas, tres vezes. Elle attende, sem accender a luz de novo)** Allô! É elle mesmo... Está dormindo... Leonor? Não conheço... Não... Não amola, Leonor. Estou dormindo... **(amollecendo a voz)** Sósinho... dormindo... **(Novo silencio, na escuridão. Passa-se um minuto, e atravez das portas do quarto vem um jacto de luz de lanterna electrica. O jacto de luz zig-zagueia no quarto, e illumina ora a cabeça de Luis, ora os seus moveis. E por fim fixa-se um pouco sobre um tamborete onde está uma carteira. Depois vê-se que o VULTO mascarado entra no quarto, e accende um outro abat-jour, de luz fraca tambem. Luis dorme confortavelmente. O VULTO, que está envolvido num roupão, tem mãos brancas e lindas, que parecem de mulher, e traz um annel com uma esmeralda grande. Pé ante pé, approxima-se do tamborete e apanha a carteira, que guarda. Uma das suas mãos, mettida no bolso, segura naturalmente um revólver. O VULTO tosse, forte, de proposito. Luis acorda, sobresaltado. Espanta-se com o VULTO. O VULTO tira o revólver, aponta-o para Luis e vae sahindo de vagar).**

LUIS — Não... não...

O VULTO — Psiu... psiu... psiu... **(e desapparece e faz ouvir o bater de uma porta).**

LUIS **(depois de uma prostração violenta, falando no telephone)** — Allô! Allô! Policia! Policia! Um roubo aqui no 112! Chame a policia! Depressa! Depressa! **(Levanta-se como tonto, accende todas as luzes, vae ao tamborete e vê que levaram a carteira. Senta-se na cama e põe as mãos na cabeça, em attitude de desanimo, e diz com tristeza)** — Pobre, de novo...

(BATEM COM FORÇA NUMA PORTA)

LUIS **(levanta-se)** — Quem é?

Uma voz, de fóra — A policia! **(Luis sahe, e quando volta, volta com o commissario e dois agentes. O commissario é elegante, usa um bigodinho, fala com certo brilho, e fala com abundancia. O agentes usam grossos bengalões e têm uns ares mysteriosos).**

O COMMISSARIO — O sr. tem a sua carteira de identidade?

LUIS **(tirando-a de um paletó, sobre uma cadeira)** — Pois não...

O COMMISSARIO **(examinando-a)** — Solteiro, 25 annos... Que profissão?

LUIS — Herdeiro... Meu pae, quando morreu, me deixou 150 contos e uns documentos. Fui buscal-os hontem no tabellião. Estavam em cima daquelle tamborete, numa carteira... O ladrão chegou e levou... Agora, como o sr. vê, não sou mais herdeiro...

O COMMISSARIO — Ha quantos minutos entrou o ladrão?

LUIS — Ha cinco minutos...

O COMMISSARIO — Conte-me tudo, muito direitinho... Reproduza a scena. Seria melhor uma reproducção synchronisada.

LUIS — Eu estava deitado, lendo uma revista. Estava com muito somno. Atirei a revista para o lado...

O COMMISSARIO **(interrompendo-o)** E a revista?

LUIS **(apontando-a)** — É aquella...

O COMMISSARIO — Continue...

LUIS — Apaguei a luz e dormi. Depois telephonaram. Era voz de mulher. Não reconheci a voz...

O COMMISSARIO **(para um agente)** — Detalhe importante... Voz mysteriosa... Tome nota **(a Luis)** — E o que foi que disse a mulher?

LUIS — A mulher me fez uma declaração de amor...

O COMMISSARIO — Em que termos?

LUIS — "Mon amour! Je t'aime!..."

O COMMISSARIO — **(ao agente)** — Tome nota: a mulher falou em francez... **(A Luis)** É uma mulher de bom gosto... O sr. não é de todo deselegante...

UM AGENTE — Tomo nota disso tambem, sr. commissario?

O COMMISSARIO — Isto são gentilesas particulares da autoridade... **(a Luis)** continue...

LUIS — A mulher me fez uma declaração de amor e disse que viria visitar-me...

O COMMISSARIO — A que horas?

LUIS — Á hora em que telephonou...

O AGENTE — É canja! Está tudo descoberto! O ladrão não é um ladrão...

LUIS — Quem é então?

O AGENTE — É a mulher...

O COMMISSARIO — Silencio... A descoberta do ladrão ficará a cargo dos sete sabios.

LUIS — Da Grecia?

O COMMISSARIO — Da policia... Os sete sabios são os sete delegados especialisados em descobrir os mysterios da cidade.

LUIS — Então é por isso que a cidade tem tanto mysterio...

O COMMISSARIO — Para justificar a existencia dos sete sabios... Continue...

LUIS — A mulher me disse que viria visitar-me. Eu respondi: Não me amole, Leonor! Estou com somno!

O COMMISSARIO — Importante: chamava-se Leonor... Loura ou morena?

LUIS — Eu não lhe havia dito que não tinha reconhecido a voz?

O COMMISSARIO — Continúe...

LUIS — Desliguei o telephone, e dormi.

O COMMISSARIO — E depois?

LUIS — Apaguei a luz...

O COMMISSARIO — Antes ou depois de pegar no somno?

LUIS — Senhor commissario... Antes, naturalmente...

O COMMISSARIO — Está bem. Continúe...

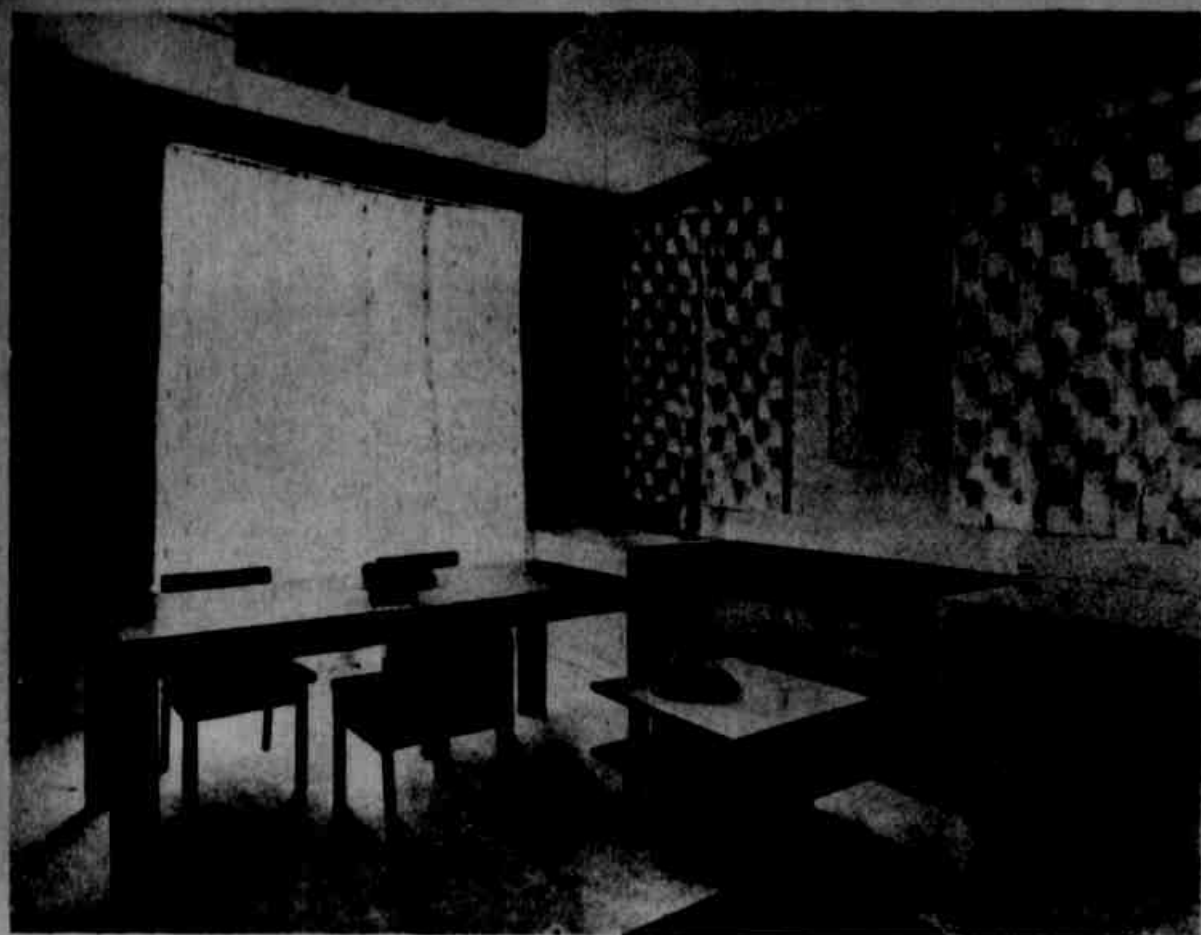
LUIS — Eu estava dormindo. E sonhei.

O COMMISSARIO — Com que bicho?

LUIS — Com a mulher que telephonou...

O AGENTE — Cobra! Mulher franceza é serpente. Serpente é cobra...

O COMMISSARIO — Tome nota! (a Luis) Continúe...

LUIS — De repente...

Sala de jantar, por Dyo-Bourgeois

O COMMISSARIO — Reproduza a scena inteiramente synchronisada...

LUIS **(deitando-se na cama)** — Eu dormia assim, com as luzes apagadas. Um barulho rapido me despertа. Olho. Um ladrão! Mascarado! Vestido com um roupão de banho. Com um revólver deste tamanho na mão, apontado para mim! Quiz puxar o revólver. Elle me narcotisou.

O COMMISSARIO — O revólver por favor...

LUIS — O meu?

O COMMISSARIO — O seu...

LUIS — Ah! É verdade... Puz no prego ante-hontem, antes de receber a herança... Mas que elle me narcotisou, isto é verdade. Porque si não fosse o narcotico, eu teria reagido. Eu teria prendido o ladrão!

O COMMISSARIO — **(ao agente)** — Tome nota: detalhe humoristico da diligencia para enriquecer o meu livro a sahir "Humorismo policial", a victima disse que foi narcotisada ha cinco minutos, mas não parece... O sr. sabe que o narcotico nos roubos nocturnos é uma lenda? Ha ladrões que entendem profundamente de psychologia e physiologia. O que roubou o seu dinheiro, por exemplo. Esse ladrão é muito habil. Elle sabia perfeitamente que o sr. estava no seu primeiro somno, que é pesado, e que o sr., despertando assim, violentamente, e vendo um ladrão diante dos seus olhos, cahiria fatalmente em prostração. Os ladrões dessa marca, que agem mais ou menos ás 2 horas da manhã, não usam narcotico, porque poderiam ser tambem victimas do narcotico... Esse ladrão dificilmente será preso.

LUIS — O sr. me dá uma bôa noticia: a noticia de que voltarei a ser pobre...

O COMMISSARIO — Talvez não. Seja util á policia: encontrou no ladrão algum signal interessante?

LUIS — Notei apenas que tinha umas lindas mãos, muito brancas. Pareciam mãos de mulher. Usava tambem um annel, com uma esmeralda bonita, grande.

O COMMISSARIO — **(ao agente)** — Agente, você tem um pouco de razão: o telephonema da mulher para certificar-se do somno da victima, a mascara, o roupão, as mãos lindas, o annel de esmeralda... **(a Luis)** Este telephone se communica com a portaria do predio?

LUIS — Com a portaria...

O COMMISSARIO — **(no telephone)** — Responda, em nome da lei! Ha quantos minutos o inquilino do apartamento 112 pediu auxilio da policia? — Ha 15 minutos? — Todos os telephones deste predio estão ligados a uma rêde geral? — Todos? Muito bem... — Depois da meia noite o sr. recebeu alguma ligação para o inquilino deste apartamento? — Ah! Recebeu? — De mulher? — De mulher... Muito bem... Que voz? Nacional? —Ah! franceza... Muito bem... Ligação de fóra para o predio ou de algum apartamento para este apartamento? — De fóra? Muito bem... Depois de meia noite entrou alguem neste predio? — Não? E nós, da policia? — Ah! Só nós, da policia? Muito bem... — E o inquilino deste apartamento a que horas entrou? — Pouco antes da meia noite... Responda mais: ninguem sahiu depois de meia noite? — Uma mulher? A que horas? — Meia noite e tres quartos? Inquilina deste predio? — Do apartamento 214? Brasileira? Quando ella voltar me avise, aqui ou na policia central. Eu sou o commissario de plantão. **(desliga o telephone. Ao agente)** As horas...

O AGENTE — Uma em ponto...

O COMMISSARIO — O sr. conhece essa mulher?

LUIS — 214? Não...

O COMMISSARIO — **(no telephone)** Allô! Porteiro? Responda: a senhora do 214 usa algum annel? — Usa? Muito bem... De que pedra? — De brilhante? Tem certeza? — Nunca viu a sra. do 214 com um annel de esmeralda? — Nunca? — Quem tem um annel de esmeralda é a do 104? Está em casa? — No Rio, ha uma semana? Muito bem... **(desliga)** Temos novos mysterios para a clarividencia dos sete sabios... **(a Luis)** O sr. fará o favor de me procurar na policia central assim que se vestir.

LUIS — Pois não... **(reparando nas bengalas dos agentes)** — Bonitas bengalas! Diga-me uma coisa: por que é que todos os secretas da policia usam bengalas?

O COMMISSARIO — É para que se fique sabendo que são secretas. Sinão, como se poderia saber? **(aos agentes)** Vamos!

(Fecha-se o velario)

2º QUADRO — Gabinete do redactor-chefe de um jornal da manhã, á hora em que o serviço já está para acabar: 2 horas da madrugada. Gabinete de estylo mais ou menos futurista. Telephone sobre a mesa. Poltronas.

Quando se abre o velario, só está em scena Vermorel, o redactor-chefe: 30 annos, no maximo, typo John Boles. A unica luz é a que se projecta sobre a mesa de um abatjour em fórma de reflector.

VERMOREL **(que fuma desbragadamente, escreve qualquer coisa sobre uma laranja gigantesca que apparece sobre a sua mesa).**

CONSUELO **(que falará sempre em hespanhol, entra sem se annunciar. É muito viva, muito bizarra)** — Pensei que te encontrasse no restaurante... Ainda estás escrevendo? **(e colloca-se carinhosamente ao lado delle).**

VERMOREL — Que linda!

CONSUELO - Hoje apenas?

VERMOREL — Um dia mais que o outro...

CONSUELO — Mas aquelle vestido que me prometteste ha 10 dias eu ainda não vi...

VERMORAL — Sabe por que? Por causa da moda: Em Hollywood ha uma campanha de Clara Bow contra os vestidos compridos. Comprando agora um vestido para você, eu arrisco.

Vamos esperar que a moda se estabilise...

CONSUELO — Yo te conozco, mascarito... Acaba com essa bobagem! Eu quero cear.

VERMOREL — Sente-se ali e espere um pouco. Houve um roubo mysterioso num apartamento, e os **reporters** estão todos na rua. Eu não saio sem ver a noticia.

CONSUELO — Mysterioso? Em que apartamento?

VERMOREL — No predio em que você mora.

CONSUELO — O numero do apartamento? Não foi no meu?

VERMOREL — No 112.

CONSUELO — 112? No 112 mora Luizito. Pobre Luizito! O que foi que roubaram delle?

VERMOREL — Uma carteira com 150 contos, de uma herança que elle tinha recebido hontem. Ficou pobre outra vez.

CONSUELO — Pobre Luizito! Quem foi que roubou?

VERMOREL — Eu não disse que foi um roubo mysterioso, menina? Elle estava dormindo e quando acordou...

CONSUELO — Pobre Luizito!

VERMOREL — Parece que foi uma mulher. Elle viu um vulto mascarado com umas mãos bonitas e um annel de esmeralda. Mais nada.

É o que a policia apurou até agora.

CONSUELO — E o que mais? Conta!

VERMOREL — O resto é com os **reporters** de policia. Espere que elles não demoram. **(E continúa escrevendo).**

CONSUELO — O que é isso que você está escrevendo? É sobre o crime?

VERMOREL — Mas que menina curiosa! Para que é que você vem aqui quando eu estou trabalhando?

CONSUELO **(approximando-se delle de novo)** — Porque eu gosto de você... É prohibido gostar de você?

VERMOREL — Nos momentos solennes é prohibido, sim, senhora!

CONSUELO **(voltando para a sua poltrona)** — Nossa Senhora! **(vendo a laranja)** E essa laranja? Que laranja é essa?

VERMOREL — Menina! Menina! **(mudando de expressão)** Pois é sobre esta laranja que eu estou escrevendo. Mandaram de Limeira, como curiosidade. É a maior de todas as laranjas do mundo. **(Consuelo approxima-se outra vez de Vermorel)** Está aqui ha dois dias, nesta mesa, ouvindo todas as coisas que se dizem aqui sobre a vida. Imagine que pensamentos ella não ha de ter sobre a differença que tem encontrado entre as coisas que se dizem e as coisas que se escrevem nos jornaes...

CONSUELO — E que papel não hei de estar fazendo diante della... O que você não teria dito de mim nessa turma que se reune aqui...

VERMOREL **(pegando-a pela mão)** — De você eu só digo coisas lindas... **(quer beijal-a).**

CONSUELO **(fugindo)** — Oh! não tira o meu **rouge**...

VERMOREL **(tomando a laranja entre as mãos)** — Você está vendo? **Ella definiu, com esta phrase, a alma das mulheres...** Entre o homem e o **rouge**, preferem o **rouge**...

CONSUELO — É que os homens não custam nada. O **rouge**, no minimo, custa 5$000...

VERMOREL — Bôa bola! Tomo nota...

CONSUELO — E o resto? Onde é que estão as confidencias da laranja?

VERMOREL — A laranja, depois de dois dias sobre esta mesa, resolveu dar uma entrevista ao jornal. É uma entrevista melancolica. Primeiro ella quiz falar, contando tudo. Depois limitou-se a dizer que não falava. Mas si pudesse fazer qualquer coisa, faria isto...

CONSUELO — O que?

VERMOREL — Installaria em cada redacção de jornal, em cada gabinete de ministro, em cada consultorio medico, em cada escriptorio de advocacia, em cada sala de reunião de um partido politico, em cada lugar onde as mulheres conversam em segredo...

CONSUELO — O que?

VERMOREL — Installaria, sem que ninguem soubesse, um aparelho transmissor de radiotelephonia para que todos soubessem o que os homens e as mulheres pensam por dentro, uns dos outros, e os politicos pensam do povo, o povo dos politicos, os medicos dos doentes, os doentes dos medicos... Mas depois, reflectindo mais um pouco, a laranja resolveu desistir da sua idéa.

CONSUELO — Por que?

VERMOREL — Porque assim desappareceria do mundo a unica coisa gostosa que o mundo tem...

CONSUELO — O que?

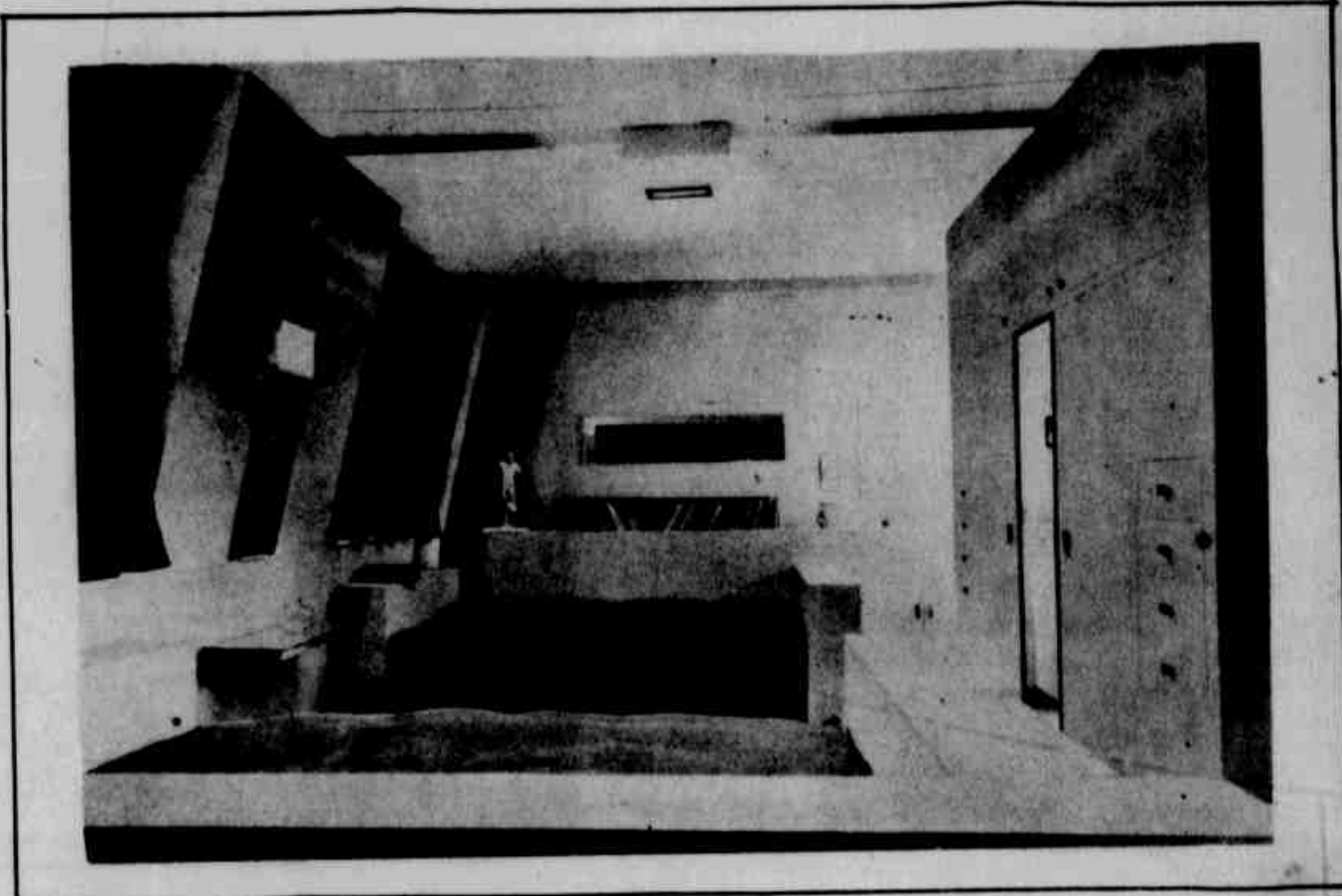
VERMOREL — A mentira...

CONSUELO — É verdade... **(O telephone toca, com força)**

VERMOREL — Allô! É o "Diario" — Está falando — O que ha de novo, Ernesto? — Vocês? Em que lugar? — Dentro do cabaré? Mas é sensacional! Meus parabens! — Fico esperando. **(desliga)**

CONSUELO — O que foi? Conta! Conta!

VERMOREL **(com alegria)** — Uma coisa louca! Os nossos **reporters** fizeram investigações proprias sobre o roubo mysterioso e prenderam uma

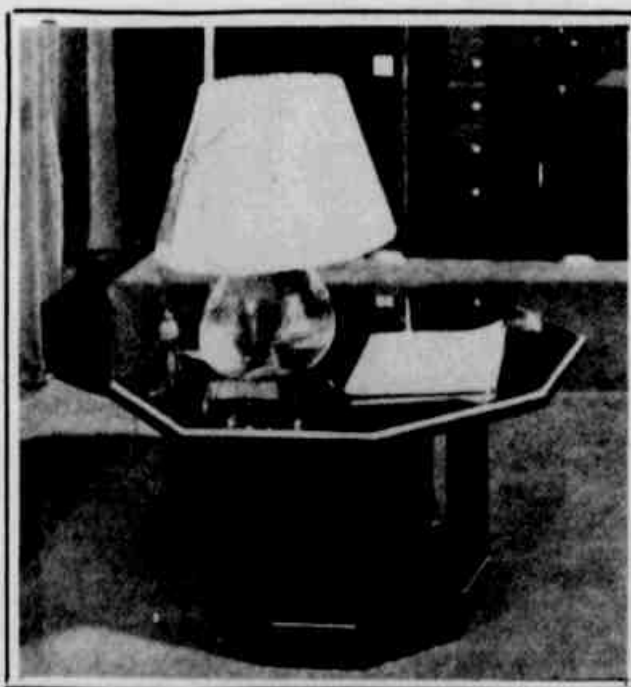
mulher que deve ser a ladra! Que furo! Que successo!
CONSUELO — Coitada! E si não fôr?
VERMOREL — Coitada o que! O jornal vae augmentar a tiragem fantasticamente! Já é a segunda vez este mez que nós desvendamos crimes mysteriosos! Com este eu sou promovido a director!
CONSUELO — E compra tambem o meu vestido? Compra?
VERMOREL **(afobado, remexendo papeis)** — Não amola, menina!
CONSUELO **(quasi com voz de choro)** — Perdão... Eu não sabia que o momento era solenne...
VERMOREL **(num telephone de communicação interna)** — Allô! Allô! O photographo, depressa, no meu gabinete! Não deixem o gravador sahir! As officinas que fiquem de promptidão! Provavelmente daremos segunda edição ás sete horas da manhã!
CONSUELO — Segunda edição? Você fica?
VERMOREL — Sim, senhora!
CONSUELO — Estou com fome...
VERMOREL — Pois eu fico. Vou esperar a mulher.
CONSUELO — Ah! Ella vem aqui?
VERMOREL — Naturalmente!
CONSUELO — Então eu tambem fico... Tambem quero ver... Será bonita? Loura?
VERMOREL **(cada vez mais afobado)** — Sei lá!
CONSUELO — Ou morena?
VERMOREL — Sei lá!
CONSUELO — Por que ella teria roubado?
VERMOREL — Não amola!
CONSUELO — Perdão... Eu não sabia que o momento era solenne...
O PHOTOGRAPHO **(entrando com a machina)** — Prompto, doutor!
VERMOREL — Trouxe magnesio?
O PHOTOGRAPHO — Sim, senhor!
VERMOREL — Espere ahi. A mulher já vem **(ouvem-se passos apressados no corredor. Entram com alvoroço os dois reporters Ernesto e Pedro, amparando pelos braços uma mulher morena, bonita, vestida com elegancia. A mulher chama-se Fausta e está num grande abatimento).**
CONSUELO **(numa exclamação)** — Eu não dizia? É morena!
VERMOREL — Muito caladinha agora, dona Consuelo. O seu lugar é no palco, cantando tangos. **(Aos reporters)** Accommodem esta senhora numa poltrona. **(Elles fazem Fausta sentar-se)**
FAUSTA — O senhor é o director? Eu quero protestar contra esta violencia. Não comprehendo nada do que está se passando...
VERMOREL — A senhora terá um pouco de paciencia. Eu vou pedir primeiro ao meu reporter que fale, e a sra. fará depois a sua defesa... **(a Ernesto)** — Ernesto, conte tudo.
ERNESTO **(com a jactancia de um caçador)** — Nós estavamos na Policia Central, quando o commissario foi chamado. O que foi, dr.? — perguntamos. Elle respondeu: Um roubo mysterioso! E foi sahindo, depressa. Nós sahimos atraz. Elle entrou, com dois agentes, num predio de apartamentos da praça Julio Mesquita. Subiu as escadas, a caminho do apartamento 112, onde se deu o roubo. Nós ficamos em baixo, na portaria. O porteiro encrencou: "Quem são os senhores?". Respodemos, com argucia: "Policia!", não foi, Pedro?
PEDRO — Com a argucia e a perspicacia que nos caracterisam!
ERNESTO — E começamos a investigar, por nossa conta propria. Nisto, o commissario fez perguntas, pelo telephone, ao porteiro. Prestamos attenção. O roubo tinha sido praticado uns 15 minutos antes, á meia noite e tres quartos. Era, portanto, uma hora, e desde meia noite que não entrava ninguem no predio. Portanto, o roubo só podia ter sido praticado por pessôa residente no predio. Quem seria essa pessôa?
PEDRO — Eis a dolorosa interrogação que nos preoccupava!
ERNESTO — O commissario teve a idéa de perguntar tambem ao porteiro si depois de meia noite ninguem havia sahido do predio. "Sahiu a inquilina do 214" — respondeu o porteiro. Mas isso era uma hypothese um tanto arriscada, porque a pessôa que roubou usava um annel de esmeralda, e a inquilina do 214 nunca foi vista com um annel de esmeralda.
PEDRO — Como o sr. vê, a situação era preta!
ERNESTO — Então eu formulei esta hypothese: a pessôa que roubou a carteira não podia ter ficado dentro do predio.
PEDRO — E o annel de esmeralda, posto para despistar a policia, poderia ter sido substituido...
ERNESTO — Dahi a nossa idéa: obter dados precisos sobre a pessôa que havia sahido do predio, logo depois do roubo, e partir á procura dessa pessôa, que era a inquilina do apartamento 214.
FAUSTA **(que até então se mantivera impassivel)** — Por favor: onde os srs. conseguiram informações a meu respeito? O porteiro do predio disse-lhes alguma coisa?
ERNESTO — O porteiro do predio não me disse nada, a não ser que a senhora tinha acabado de sahir e que tinha o habito de comer de noite num restaurante da avenida S. João, com um dr. Pedro.
FAUSTA — Está muito certo. Faça o favor de continuar **(Nota-se que Vermorel começa a interessar-se pela impassibilidade ou pela displicencia de Fausta).**
ERNESTO — Fomos a todos os restaurantes nocturnos da avenida S. João. E perguntamos aos **garçons** conhecidos por uma mulher assim, com um typo assim, residente num apartamento da praça Julio de Mesquita. Tudo em vão. Ninguem dava informações que prestassem. Por ultimo entramos no Bucsky.
FAUSTA — Um momento... **(a Vermorel)** — O sr. fará o obsequio de dar-me um cigarro?
VERMOREL — Pois não... **(offerece-lhe a carteira)**...
FAUSTA **(numa enorme displicencia, leva o cigarro á bocca)** — E um phosphoro tambem?
VERMOREL — Naturalmente... **(e accende o cigarro)**
FAUSTA — Obrigada...
CONSUELO **(diante desta scena começa a inquietar-se)**
FAUSTA **(a Ernesto)** — Terminou a sua empolgante narrativa?
ERNESTO — Não, senhora... Agora é que ella vae entrar na sua parte melhor. Estamos no Bucsky, não é, Pedro?
PEDRO — Precisamente!
ERNESTO **(agora elle tem uns ares mysteriosos)** — Entramos. Olhamos. Havia uns rapazes elegantes, umas mulheres de theatro, nossas conhecidas, mas nada de um typo capaz de despertar a attenção de um Sherlock.
PEDRO — Tenha paciencia, Ernesto: dois Sherlocks...
ERNESTO — Fomos para um reservado. Chamamos um **garçon**. Contamos a historia do roubo. Elle conhecia a victima. E me disse: Vamos descobrir o mysterio. E me perguntou: "Habla español?". Respondi: "Si! Claro..." Elle chamou um sujeito que estava tomando chopp num canto e explicou o caso ao sujeito. Depois nos apresentou: "Esto és Pablito, un rana fenomenal. Pero no aquel de que habla "Garufa". Pablito, um argentino de "melenas", com 20 annos de circo... **(e olha para Fausta, que então começa a forçar de proposito a sua displicencia).** Pablito, inteirado de tudo, **(e agora muito vagarosamente, frisando bem as palavras)** inclusive do numero do apartamento da mulher de que se suspeitava, sorriu maliciosamente e contou coisas que tornaram victoriosa a nossa reportagem, com a presença aqui, gentilmente, de dona Fausta...
FAUSTA **(atira então com raiva o cigarro no chão).**
ERNESTO — Photographo! Bata uma chapa!
FAUSTA — Quer dizer que eu sahirei amanhã no jornal, como ladra?
VERMOREL — Isso não, minha senhora. Não temos elementos para essa affirmação...
O PHOTOGRAPHO **(apressadamente prepara o magnesio)** — Um minuto, minha senhora...
FAUSTA **(abrindo a bolsa e pintando os labios com o baton)** — Um minuto, meu senhor... Prompto? **(E o magnesio explode, e o photographo sahe com a machina).**
VERMOREL — Esse Pablito, que especie de homem é? Póde merecer alguma confiança?
ERNESTO — De nome eu conheço bastante. Não ha na reportagem quem já não tenha falado delle.
PEDRO — É um "chorro" de primeira.
ERNESTO — Um colosso "pa hacer una lanza".
FAUSTA — Não comprehendi nada. Identifique melhor o seu personagem.
ERNESTO **(com ironia)** — Não comprehendeu? Pablito é um "lunfardo".
CONSUELO — Isto é linguagem da "lunfardía" de Buenos Aires. "Hacer una lanza" quer dizer: bater uma carteira. "Lunfardo" é um ladrão, um malandro. **(a Fausta).** A sra. não sabia?
FAUSTA — **(com indifferença)** — Não...
VERMOREL — Para a frente: Precisamos escrever a noticia.
ERNESTO — Pois, como eu ia contando. Pablito inteirou-se do caso, pediu os traços physionomicos da mulher de que nós suspeitavamos, e falou, sorrindo: "Yo la conozco muy bien..." E repetiu: "Si la conozco! Se llama Fausta. Que linda! Y que mina pá chorrear..."
FAUSTA **(ainda com indifferença)** — Essa historia me diverte. Interessante! Pablito sabia o meu nome... E o que mais?
ERNESTO — Desculpe a linguagem: elle disse que a sra. sabe bater carteira com muita habilidade...
FAUSTA — Vê-se que faz de mim um bom juizo... Mais nada?
ERNESTO — Muito mais...
FAUSTA — Tenho curiosidade...
ERNESTO — Disse que a sra. não é brasileira...
FAUSTA **(a Vermorel)** — O sr. me fará o favor de mais um cigarro? **(Vermorel dá-lhe o cigarro, accende-o)** Obrigada...
ERNESTO — ... nem argentina. Parece que é de Cuba e foi aos 18 annos para Buenos Aires, onde elle a conheceu alguns mezes depois num café da Boca, a cantar tangos "arrabaleros" com o nome de "La Morocha"...
FAUSTA — Não sei si os senhores pensam como eu: mas ha palavras que ganham, na lingua hespanhola, uma melodia estranha. "Morocha"... Não é mais bonita que "morena"?
ERNESTO — Tem mais, minha senhora... Muito mais...
FAUSTA — Pois então conte. Eu confesso que estou gostando...

Quarto de dormir, por Dyo-Bourgeois

ERNESTO — Em Buenos Aires foram amantes, a senhora e elle. A primeira "estafa" que a sra. fez foi na companhia delle, numa casa de joias. Você não se lembra da rua, Pedro?
PEDRO — Calle Cangallo...
ERNESTO — Isto... Depois... depois... a sra. entrou para o theatro. Foi corista, numa companhia onde trabalhava Gloria Guzmán. Sahiu do theatro para vir para o Brasil. Foi artista de cabaré em Porto Alegre, nos Caçadores. Dos Caçadores passou para o Miramar. Estreou num sabbado, ha tres annos, cantando um tango chamado "Cumparsita".
VERMOREL — No Miramar, ha três annos? Com que nome?
PEDRO — **(tirando umas notas do bolso)** — Carmencita...
VERMOREL — Tenho uma vaga idéa...
FAUSTA — Por que?
VERMOREL — Uma pequena semelhança, talvez...
FAUSTA — Em Paris, ha tres annos, precisamente, encontrei um garçon, no Ritz, que se parecia muito com o sr...
VERMOREL **(um pouco confuso, a Ernesto)** E dahi?
ERNESTO — Pablito concluiu que o roubo, tendo-se dado nas condições em que se deu, naquelle predio, e morando no mesmo predio a pessôa de que se suspeita, todaas as duvidas desapparecem...
FAUSTA — ... para...
ERNESTO — ficar uma certeza... A sra. não acha?
FAUSTA — Eu acho apenas que o sr. devia ter o seu ordenado augmentado. E' um bom **reporter** de policia. Meus parabens...

VERMOREL — Mas então será possivel que tudo isto seja uma mentira? Eu noto que a sra. não se perturba...
FAUSTA — Mas eu já não lhe disse que estava achando tudo muito interessante? Para o meu velho **"spleen"** sentimental, esta confusão tem um encanto maravilhoso. Os srs. me deram uma emoção nova...
VERMOREL **(a Ernesto)** — Esse Pablito não teria pregado uma "barriga" em vocês? Cuidado... Nós estamos num jornal respeitavel...
ERNESTO **(tirando do bolso um retrato)** — Ha uma photographia... **(A Vermorel)** Leia: "A Pablo de mi alma, La Morocha". É de Buenos Aires, de 1924...
VERMOREL — **(surpreso, olhando para Fausta e o retrato)** — Com effeito...
FAUSTA **(tomando-lhe o retrato)** — ... é parecidissimo... Mas ha uma differença: o cabello mais comprido, o rosto mais magro...
VERMOREL — Em 6 annos o cabello e o rosto pódem mudar um pouco...
CONSUELO — Eu ha dois annos usava o cabello **á la garçonne** e pesava 63 kilos.
FAUSTA — E agora quantos?
CONSUELO — 60!
FAUSTA — Meus parabens!
CONSUELO **(como que espantada pela serenidade de Fausta, toma Pedro pelo braço e sahem os dois por uma porta interior)**.............
VERMOREL — Aonde vae?
CONSUELO — Ver o photographo revelar a chapa...
ERNESTO — Esquecia-me deste outro detalhe importante: a victima recebeu minutos antes uma telephonema. Está provado que esse telephonema não veio de fóra do predio. A ligação foi feita pela rede interna...
FAUSTA — Tenha paciencia, mas agora o sr. já não merece um augmento de ordenado: então uma pessôa que vae roubar numa casa será capaz de acordar antes pelo telephone todos os seus moradores?
ERNESTO — Mas é que ás vezes o absurdo se transforma num factor de successo... Sr. redactor-chefe, quaes são as suas ordens, neste caso?
VERMOREL — Faça a noticia!
ERNESTO — Com todos os detalhes?
VERMOREL — Todos!
ERNESTO **(diante de Fausta)** — Minha senhora... **(sahe)**
VERMOREL **(senta-se na sua mesa, accende um cigarro, com displicencia e depois pega no telephone)**
FAUSTA — Para onde vae telephonar?
VERMOREL — Para o chefe de policia...
FAUSTA — Conversaremos nós um pouco, primeiro... Não acha melhor? Sabe por que eu quero conversar?
VERMOREL — Si eu soubesse...
FAUSTA — É porque a sua figura me é muito sympathica. Sua maneira de escrever me agrada muito. Seu typo tambem. Trinta annos?
VERMOREL — Precisamente: 30 annos...

Secretaria, por Mlle Agron

FAUSTA — Dizia Balzac que aos 30 annos é que as mulheres são interessantes. Acho que as mulheres pódem ser interessantes mesmo aos 20 annos. Os homens, sim, é que começam a ficar interessantes aos 30. Dos 30 aos 40, em muios casos. Não pensa commigo?
VERMOREL — Forçosamente...
FAUSTA — Porque o amor não é, como se diz, um sentimento. É antes uma sensação artistica. Para sentil-a bem ou, melhor, para transmittil-a, é preciso ter uma imaginação bem exercitada pela observação, pelo estudo... Não acha?
VERMOREL — Forçosamente...
FAUSTA — O sr. não me dirá uma outra palavra mais bonita que "forçosamente"?
VERMOREL — Não...
FAUSTA — Por que?
VERMOREL — Porque basta aqui a sua belleza...
FAUSTA — Dê-me então um outro cigarro...
VERMOREL — **(dando-lhe o cigarro nos labios)** — É pena que a sra. só me peça um cigarro...
FAUSTA — Peço-lhe mais...
VERMOREL — O que?
FAUSTA — Um phosphoro...
VERMOREL **(accende-o)** — Ainda é muito pouco...
FAUSTA — Assim, não... Accenda-o com o seu proprio cigarro... Com o seu proprio cigarro nos labios... Assim... Cigarro contra cigarro... Muito obrigada... E agora: diga-me com franqueza: acredita mesmo que tenha sido eu a ladra?
VERMOREL — Forçosamente...
FAUSTA — E vae mandar publicar tudo no jornal, amanhã?
VERMOREL — Tudo!
FAUSTA — Ora! Por que não disse tambem "forçosamente"?... Eu estava gostando tanto da sua maneira de dizer "forçosamente"... **(Vermorel, com esta fleugma, fica um tanto embaraçado)** Então? Por que não telephona agora para o chefe de policia? Estou ás suas ordens... para ser julgada pelos homens.
Acredita na justiça dos homens?
VERMOREL — Forçosamente...
FAUSTA — Pois é assim, a justiça dos homens: entre uma mulher feia e honesta e uma bonita e peccadora, a justiça dos homens escolhe para o castigo a mulher...
VERMOREL — ... bonita e peccadora...
FAUSTA — A mulher feia e honesta... Sabe que eu acredito muito na minha intelligencia? Na intelligencia, não digo tanto... Mas no meu instincto. O Sr., que é um homem de bom gosto, já não está mais vendo em mim uma ladra, se é que eu fosse uma ladra... O sr. está vendo em mim, desde ha dez minutos, uma mulher bonita, que é preciso conquistar...
VERMOREL — Forçosamente...
FAUSTA — E tem a certeza de que fará a conquista?
VERMOREL — Forçosamente...

FAUSTA — Condição principal: na noticia que vae sahir, com o meu retrato, eu sou apenas a mulher que viu passar no corredor um vulto mascarado... **(e com um sorriso)** — Forçosamente?
VERMOREL — Forçosamente...
FAUSTA — Depois, então, o sr. terá licença para mandar as primeiras flores e para ir tomar commigo o primeiro chá...
VERMOREL — Mas é assim justamente que se começa...
FAUSTA — Forçosamente... **(em attitude de quem vae sahir)** Tome nota: 4-62-62, apartamento 214... Tomou nota?
VERMOREL — Tomei...
FAUSTA — Até logo... Muito obrigada... **(Vermorel beija-lhe a mão)** Oh! Como está emocionado! Aposto que está dizendo comsigo mesmo a phrase ingleza: "To be or not to be"... Não diga. Não vale a pena. Ha na vida alguma coisa melhor que a verdade...
VERMOREL — A mentira?
FAUSTA — A illusão... **(e sahe, com um sorriso enorme, que não se sabe o que quer dizer...)**
VERMOREL — **(Volta para a sua mesa, fica um momento numa grande abstracção)** — Exquisita..
CONSUELO, PEDRO E O PHOTOGRAPHO **(entram juntos)**
CONSUELO — **(com a photographia)** — Sahiu uma maravilha! Onde é que ella está?
VERMOREL — Foi para casa...
CONSUELO — E si ella fugir?
VERMOREL — Provará que é a ladra...
CONSUELO — Será mesmo?
PEDRO — Eu não tenho duvida!

Mesa, por Michel Boux Spitz

(Continúa no proximo numero)

De São Paulo

De cima, á direita: Senhoritas Sylvia Campos, Véra Pontes, Celina Campos Salles, Françoise Lazzatti, Adine Monteiro Vianna no baile á fantasia do "Paulistano".

(Photos Rosenfeld)

O Carnaval em Cambuquira

Um aspecto do grande baile á fantasia no Hotel Silva, que foi das festas mais bonitas da estação

MEU IRMÃO

Falta uma voz na nossa casa, em tudo,
sinto o vasio estranho que ficou.
Todos falem, embora, num instante,
em todos os sons vivos e cantantes
ha uma voz que se silenciou.

Sobra um logar na nossa mesa; é grande
o espaço triste que entre nós ficou.
A sala é fria com a sua ausencia longa,
em nós, nos quadros, cousas que ficaram
ha uma lembrança que se eternizou.

Falta entre nós uma fórma querida.
Ha um logar sobrando em nossa mesa,
Ha uma saudade, grande, em nossa
[vida!

De Olivieri, Yolanda Luiza

PEDIDO

Quando eu morrer,
como toda gente,
vou pedir
que se cumpra
um desejo qualquer.

O unico desejo que a gente "realiza"
Porque é o ultimo.
Todo mundo respeita o pedido do
[finado.
E medo de defunto, não é sopa!

POEMA

Não quero que morra a sua lembrança
na minha cabeça.
Quero guardar com avareza
o que me ficou de você.

Quero que fique gravado para sempre
você me alegrando com a sua presença
e tudo que você me disse
quero acreditar sinceramente.

Não quero que morra a sua lembrança.
— Você escrevendo meu nome na areia,
naquellas tardes, longas e iguaes.

Não quero que morra a sua lembrança.
Quero parar no ambiente passado,
deante de tudo que eu não tenho mais.

ESPELHO

IMPOSSIVEL.
— Eu desejava falar ao director.
— O director está acephalo.

BEHIDJE HAFEZ
a mulher mais bonita do Egypto. E' compositora de musica e actriz de Cinema.
(Photo C. A. Werth)

COM ROUPA VELHA...
— Como se chamam os ricos que a revolução arruinou?
— *Nouveaux pauvres.*

O esculptor Jacob Epstein com o busto de Miss Ross.
(Photo Special Press)

O pintor Augustus John no seu atelier em Chelsea.
(Photo Special Press)

Em baixo:
Raquel Torres e um pyjama

Uma mulher de 1931 e um homem do tempo em que se cheirava rapé.
(Desenho de Raymond de Lavererie)

Carnaval
(Desenho de Tatjana V. Kursell)

Cachoeira dos Patos — Brasil.

Um pedaço de Manáos — Brasil.

MELHOR.

— Ora, essa! Por que?

— Por que sahiu da mesmice, foi differente.

— Não demonstra; a differença pode ser para melhor ou para peor.

— Esta foi para melhor.

— E' uma opinião.

— Precisamente. Mas foi a minha opinião, que você quiz conhecer.

— Então um carnaval frio, sem sociedade; sem gente...

— Não diga tal, minha querida. A gente, em numero, cresce cada vez mais.

—Isso é que não.

— Isso é que sim. Para cada folião que se recolhe aos penates ha varios substitutos. Estes se estão preparando desde o berço. Devo, portanto, concluir que, agora; o numero foi maior.

— Emfim, como se trata de Carnaval, todo disparate tem cabimento.

— Não, filhinha. Não ha disparate no que digo, pelo menos neste momento. Ha apenas divergencia de julgameoto. Você fala do que viu do seu ponto de observação, eu, do que o meu me deixou apanhar. Você estava de um lado, eu do outro. Cada um de nós, portanto; viu a cousa como poude ou como quiz.

— Que houve menos gente, isso houve.

— Não houve tal.

— Nem podia ser por menos numa crise como a que nos suffoca.

— Não ha crise que suffoque o carnaval. O que houve foi que o governo encolheu o cordel á bolsa, não deu dinheiro ás sociedades; o sympathico interventor viu-se na necessidade de tambem encolher-se. Elles sabem, perfeitamente, que o "panem et circenses" não desappareceu com o imperio romano. Mas, preoccupados com uma das partes do problema, a primeira, não puderam attender á outra. Dahi o encolhimento das sociedades.

— Foi um carnaval encolhido.

— Não. Foi um carnaval espalhado. Não tendo o povo os prestitos para attrahil-o a um mesmo exiguo trecho da cidade, deixou-se ficar nos seus bairros.

Foi melhor assim, foi talvez o inicio de uma transformação importante.

Se para o anno os dinheiros publicos tambem não forem applicados para realizar aquella segunda

Vêm, em primeiro logar, alguns versos de Domingos Magarinos, do seu ultimo livro, de agorinha mesmo: "Alma da Nossa Terra".

Autor consagrado, Domingos Magarinos publicando mais um livro tambem contribuiu para enriquecer a nossa poesia regional. Sei que o poeta tem realmente valor.

Limita-se ahi o meu parecer á obra do poeta, que, nesta secção, já disse em versos interessantes o que pensa da elegancia. Agora julguem os leitores:

"FRUITA DO MATTO

Muié que diz que não sabe
o gosto qui tem um beijo,
ou tá mintindo pra gente,
ou come casca di queijo!

Não ha muié, neste mundo,
mais pura di coração,
qui já não tenha beijado,
ao meno, pru devoção!

Beijou, lá dentro da igreja
— os santo tamem si adora! —
as chaga de Jesus Christo,
os pé di Nossa Sinhora!

Beijou, ao meno, di longe;
co'os óio, porém, beijou;
qui bem qui si sente o gosto
da fruita qui si avistou!

O beijo é fruita vrêmeia
qui nem pitanga madura;
pitanga alembra o geitinho
da bocca das criatura!

Só tem qui as coisa do mundo
não é cuma a gente qué;
— o beijo é fruita do matto
qui só si come no pé!"

\+ + +

Figuram nesta pagina alguns modelos de vestidos de noiva. Todos simples, apenas realçados pela elegancia da linha. Convém dizer que a parisiense vae adoptando, agora, as sedas artificiaes e brilhantes. Já se cansou de usar o lado fosco dos tecidos. Com a preferencia pelas sedas acima alludidas estão de parabens os tecidos tintos por Indanthren, a mais perfeita das anilinas, a que dá côr ás fazendas ainda na fabrica.

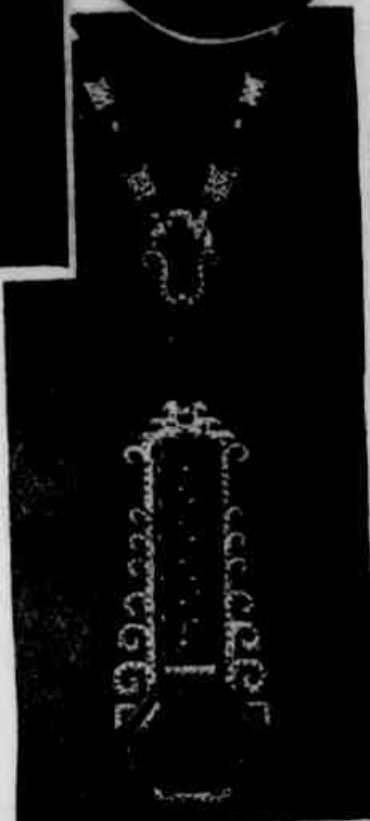
\+ + +

Temos depois: algumas joias modernas, e um modernissimo canto de salão — em dias de frio...

SORCIÈRE

parte da observação de Juvenal, se continuarem destinados só ao pão, o carnaval virá a ser o que deve ser — regional.

— Será uma semsaboria.

— Engano. Será muito mais caracteristico, muito mais pittoresco. Cada bairro, cada zona, fará o seu carnaval a seu geito, a seu modo, de accordo com as suas tendencias, seus gostos, sua mentalidade, sem a constrangida preoccupação de se approximar da generalidade. Será muito mais original, mais espontaneo, mais adequado a esta época em que as canções são sem grammatica, para pintar ao vivo o falar do povo e mascarar os outros solecismos de quem as escreve. Assim cada qual poderá escolher o carnaval mais do seu agrado. Você ha de concordar em que o carnaval em D. Clara não pode ser o mesmo que em Copacabana, e concordará tambem que tratar ainda de carnaval já na segunda semana da quaresma é de máo gosto. Falemos, então, de outras "fantasias".

Qual será o meu futuro?

Um serviço perfeito de cartomancia, absolutamente gratuito, aos leitores de "Para todos..."

N. 814 — MAREDITH (?) — Recebereis boas noticias. Um homem máo e invejoso grandes contrariedades vos dará. Com cinco sentidos uma mulher vos trahirá. Brevemente sereis convidada para um matrimonio. Com sympathia e lealdade recebereis uma prenda de amor.

N. 815 — LA COMPARSITA (S. Sebastião) — Vejo uma discordia breve. Recebereis um presente que despertará ciumes em uma rival. Vejo boas palavras e sympathia de parte de um homem que vos quer bem e vos dará um mimo de amor por intermedio de uma pessoa que presta serviços. Tereis boa sorte no futuro.

N. 816 — NEGRO CORAÇÃO (Bahia) — Haverá ligeira ausencia de uma mulher morena. Tereis uma surpresa que será recebida com sympathia. Vejo vicio por, desgostos em um homem que quer vossa felicidade. Haverá lagrimas e correspondencia interrompida por um homem que vos trahirá. Tereis uma paixão d'alma.

N. 817 — LOUCA (Bahia) — Vejo desvio de pequenos dinheiros. Pelo proximo correio recebereis boas noticias. Um homem edoso e de bom coração terá um grande constrangimento ficando doente. Vejo traição e uma ausencia provocando lagrimas. Uma mulher que vos estima vos contará novidades.

N. 818 — ROSINHA (Bahia) — Uma pessoa intermediaria, com muito gosto, nesta casa, será desviada, o que será tambem uma surpresa causando lagrimas. Um joven vos trahirá se for attendido e uma mulher de bom coração, se ausentará ao lado de uma outra pessoa, com boas palavras...

N. 819 — VIOLETA AMOROSA (Bahia) — Um joven de boa posição de fortuna, em um banquete, provocará uma desintelligencia que o affastará de vós. Um outro, que vos deseja bem, zelará com cinco sentidos pela vossa felicidade. Vossa correspondencia será cortada e depois entregue.

N. 820 — GURYA (Icarahy): — Tereis ventura duradoura. Com lealdade, alegria e muita satisfacção, em um banquete, tereis uma surpresa. Alguem terá ciumes de vós e provocará desordem. Vejo ausencia no futuro, constrangimento e lagrimas. Uma mulher má e invejosa procura vos fazer mal, sem no entanto, o conseguir.

N. 821 — SYDA (Petropolis) — Fareis breve pequena viagem. Uma vizinha de má lingua, em horas de comidas e bebidas, vos causará desgostos e lagrimas. Por caminhos demorados virão dinheiros grandes e tereis bom exito nos vossos negocios. Recebereis brevemente uma carta com boas novas de uma amiga.

N. 822 — PANSY (Petropolis) — Complicações na vossa vida... Vejo um processo e condemnação, obstaculo a um casamento e prisão, tudo occasionado por uma mulher que vos deseja muito mal. Vejo zelos com cinco sentidos e lagrimas em um homem de negocios. Depois haverá calma.

N. 823 — ANCORA AZUL (Rio) — Vejo alegria no futuro após uma viagem de bons resultados. Uma mulher morena se ausentará por pouco tempo. Em horas de comidas e bebidas haverá desintelligencia entre um militar e um homem da lei por causa de uma mulher intrigante. Um vizinho benevolo vos dirigirá boas palavras.

N. 824 — VIOLETA (Villa Izabel) — Em horas de comidas e bebidas recebereis uma carta com boas noticias de pessoa amiga e ausente. Vejo desvio de dinheiros pequenos causando desgostos a um homem de negocios. Leviandade de uma joven trazendo constrangimento a um homem idoso. Vejo um matrimonio feliz feito com muita sympathia nesta casa.

N. 825 — RAMONA (Villa Izabel) — Deveis ouvir os conselhos de um homem edoso e de bom parecer que deseja vosso bem e fugir de um joven moreno que vos trahirá se fôr attendido. Uma vizinha de má lingua dirá mal de vós, porém não será ouvida. Ireis receber pequenos dinheiros e uma prenda de amor de pessoa que não esperaes. Vejo doença passageira fóra de casa.

N. 826 — GUIDA (?) — Haverá uma desintelligencia entre dois jovens por vossa causa. Um delles se ausentará despeitado. Vejo ciumes, lagrimas, enredos e paixão d'alma. Um homem de negocios vos fará uma promessa que será cumprida no futuro. Breve recebereis uma carta de reconciliação de pessoa ausente e desaffecta. Vejo um acontecimento feliz e inesperado na vossa vida.

N. 827 — MISS PARAFUSO (?) — Tereis breve uma surpresa que vos dará bastante alegria. Fareis tambem uma pequena viagem sem resultado pratico nenhum. Um homem da lei vos dirá boas palavras em um banquete. Pela porta da rua virão, não agora, desgostos passageiros. Ha no futuro ventura duradoura e tranquilidade constante.

N. 828 — JACOBINO (Rio) — Não está muito claro vosso porvir. Apparecem complicações e por uma leviandade uma questão com a justiça, processo e condemnação. Um homem da lei ao vosso lado procurará vosso bem-estar e ha de o conseguir com algum trabalho. Uma mulher morena apparecerá na vossa vida e vos será de grande auxilio porque vos estima deveras.

N. 829 — MARIANNE (Rio) — Sómente agora chegou vossa vez, pois os consulentes são muitos e o espaço é pouco. Eis o que dizem as cartas: Fareis no futuro uma longa viagem de muito proveito. Vejo bom exito nos vossos negocios e ventura duradoura, apenas perturbada pela doença de pessoa edosa nesta casa. Um militar vos fará uma promessa que não poderá ser cumprida por causa da ausencia de um dos dois.

N. 830 — ENY (Rio de Janeiro) — Ventura ephemera ao principio, mudando-se depois para felicidade duradoura em vista de um acontecimento inesperado. Uma falsa amiga pretenderá dizer mal de vós sendo contrariada por uma pessoa intermediaria e que vos presta bons esrviços. Ireis receber pequenos dinheiros e uma dadiva com muita sympathia de pessoa com que não contaes. A caminhos vagarosos virá uma carta com surpresa desagradavel.

N. 831 — SUE (Rio de Janeiro) — Haverá lagrimas ciumes e uma ausencia motivada por desconfiança. Haverá mais no futuro um obstaculo a um casamento feliz. Um homem deseja vossa felicidade, porém uma mulher a quer cortar com intrigas.

N. 832 — RUTH (Districto Federal) — Uma ligeira indisposição sem perigo soffrereis em horas de comidas e bebidas. Soffrereis tambem uma traição, brevemente, da parte de um homem moreno a quem dedicaes alguma sympathia. Uma cigana predirá vosso futuro por dinheiro; mas tudo o que ella disser será mentira.

N. 833 — TULIPAN (Uruguayana) — Recebereis brevemente uma carta reconciliatoria. Tereis alguma prosperidade em vossos negocios. Uma mulher de bom coração e bem intencionada vos aconselhará para o bem. Vejo ainda ciumes de alguem que vos quer bem fora de casa.

N. 834 — COUCY STORRY (Maranhão) — Fareis breve uma viagem. Tereis ainda no futuro alguma sorte e dinheiro. Com sympathia e cinco sentidos haverá por vós uma paixão de pessoa que ainda não vos conhece. Um homem da lei vos dará grande alegria e surpresa!

N. 835 — ESMERALDA (Rio) — Sómente agora chegou vossa vez de ser attendida. O resultado é o seguinte: Dinheiros poucos e por caminhos demorados. Uma vossa rival adoecerá com alguma gravidade mais tarde, após uma viagem. Ireis ter posição vantajosa no futuro e vossas esperanças serão realizadas.

N. 836 — CORAÇÃO FERIDO (Rio)) — Brevemente umas intrigas e enredos vos constrangerão bastante. Vejo desvio de vossa correspondencia acarretando desgostos e contrariedades. Deveis fugir de um homem claro e joven que vos trahirá. Sereis, porém, feliz no futuro.

N. 837 — CECIL AGNE (Rio Grande do Sul) — Devia ter excluido do baralho os valores 8, 9 e 10 de cada naipe, assim como o resultado das cartas devia ter sido escripto no mappa que publicámos e não em um outro papel qualquer.

Mappa onde têm de ser escriptos os valores das cartas, conforme ficarem sobre a mesa, e depois recortado e enviado á redacção de "Para todos..." com o pseudonymo ou nome do consulente e localidade de onde vem.

N. 838 — E. VIVI (S. Paulo) — Vosso futuro apresenta-se brilhante. Vejo dinheiros grandes, mudança de condição social e bom exito em grande empresa seguido de matrimonio vantajoso. Haverá tambem uma longa viagem e muita prosperidade no regresso.

N. 839 — MARIETE (?) — Devieis ter escripto o resultado das cartas no mappa que publicámos.

N. 840 — MARY (?) — Ventura ephemera agora e depois um pouco de sorte no futuro com recebimento inesperado de uma fortuna. Haverá doença grave fora de casa em pessoa amiga, assim como desintelligencia e apartamento de um casal.

N. 841 — NEGRINHA (E. de Minas) — Pela porta da rua virão noticias desagradaveis. Uma mulher morena que finge ser vossa amiga vos trahirá. Em horas de comidas e bebidas sabereis de novidades... Vejo desvio de correspondencia e um matrimonio feliz feito com sympathia nesta casa.

N. 842 — LOVER (Rio de Janeiro) — Bom exito em vossos negocios após uma viagem de pouca duração. Vejo tambem uma questão no fôro com graves prejuizos e condemnação. Deveis ouvir os conselhos de um homem edoso e de bom parecer. Recebereis breve uma carta amiga.

N. 843 — MORENA DESILLUDIDA (Rio) — Um joven de boa posição de fortuna e que vos estima vos fará uma promessa que será cumprida no futuro. Vejo ventura passageira e depois felicidade calma e boas noticias no proximo correio. Haverá tambem uma doença passageira nesta casa.

KHOM-EL-AHMAR

Toma-se um baralho novo, que ainda não tenha servido para nenhum jogo e do qual se excluem as cartas representando os valores 8, 9 e 10 de cada naipe. Embrulha-se bem em sete folhas de papel branco, cada folha de per si. Passa-se depois pela agua do mar ao meio dia de uma sexta-feira, proferindo-se no momento estas palavras:

— "Que os espiritos celestes vos ponham virtude".

Nos logares onde fôr difficil obter agua do mar, deitam-se em uma bacia, ou outro recipiente qualquer, sete garrafas de agua commum, e dentro da mesma se atiram sete punhados de sal com a mão esquerda. Tendo sido o sal extrahido da agua do mar por evaporação, volta novamente a ella, integrando-se no liquido.

Depois de mergulhado na agua alguns instantes, desembrulha-se o baralho dos seus sete envolucros, baralha-se tres vezes e parte-se em cruzêta, o que se faz dividindo-o em quatro montes ou partes, mais ou menos iguaes, que se collocam sobre uma mesa coberta com toalha branca.

Juntam-se novamente os quatro montes, a começar do ultimo até o primeiro, e, depois de alguns minutos de concentração de espirito, em que não se pense em outra cousa senão naquillo que se pretende saber, vá-se deitando as cartas da esquerda para a direita em oito filas de cinco cartas, como mostra o quadro anterior, de sorte que a sexta fique abaixo da primeira e assim por deante, até a quadragesima do angulo inferior direito.

Feito isto, escrevam nos quadros correspondentes a cada carta o seu valor ou figura que representam, como no exemplo annexo:

Dama de ouros	3 de copas	az de espadas	5 de páus	Valete de copas
6 de páus	Rei de copas	2 de ouros	Dama de espadas	etc etc

Modelo como terá de ser preenchido o mappa

Recortem o mappa depois de preenchido, assignem-no com o pseudonymo que escolherem e enviem-no para: Redacção do "Para todos..." (Serviço de Cartomancia) Rua da Quitanda, 7 — Rio de Janeiro.

A resposta não se fará esperar e deve ser procurada nesta mesma secção em que será publicada com o pseudonymo correspondente á consulta feita.

A cultura do bicho da seda por electricidade

Nova York (Sipa). — Enganar as gallinhas americanas para as fazer pôr mais ovos, por meio de gallinheiros illuminados electricamente, é um artificio reproduzido no Japão, onde está sendo empregada a electricidade para illudir com luz os bichos da seda.

Segundo informa a Commissão Norte-Americana da Conferencia Mundial de Força Motriz, os japonezes communicam que a luz electrica augmenta o appetite e auxilia o desenvolvimento com vigor do bicho da seda, além de encurtar o tempo necessario para alcançarem o crescimento completo e melhorar a qualidade dos casulos.

Os japonezes tambem descobriram que os bichos da seda nascidos em incubadores illuminados electricamente produzem uma percentagem muito maior de ovos. Os casulos dos bichos da seda univolitinos creados desta maneira são de melhor qualidade e mais faceis de desenrolar que os dos bichos de seda bivolitinos.

A producção da seda é a industria mais importante do Japão, e approximadamente 95 por cento de toda a seda bruta produzida no Japão é exportada para os Estados Unidos. Reciprocamente, o Japão é o terceiro maior importador de algodão dos Estados Unidos.

SENSAÇÃO ! BREVE !
"Album do Progresso do Rio de Janeiro"
O Album da Revolução !

SENSAÇÃO ! BREVE !
"Album do Progresso do Rio de Janeiro"
O Album da Revolução !

SENSAÇÃO ! BREVE !
"Album do Progresso do Rio de Janeiro"
O Album da Revolução !

A que morreu de amor

(F I M)

— Não se fatigue... descanse — pediu Anatilde com mimo, acariciando-lhe as mãos. Livral-a-emos, descance.

— Ama-a, Heitor, ama-a muito... como eu...

Fechou os olhos e soltou um profundo suspiro.

Todos surprehenderam-se com o ultimo gesto da infeliz. Ao cabo de alguns minutos, chegou o medico, tomou-lhe o pulso e murmurou:

— Morreu...

SESSENTA E CINCO LEPROSOS CURADOS

Washington (Sipa). — Segundo informa o Serviço de Saude Publica, o Leprosario Nacional em Carville, Louisiana, despediu durante os ultimos dez annos 65 leprosos que, após o tratamento dado por este sanatorio, se encontravam em apparente bom estado de saude, deixando de constituir um perigo para a saude do publico.

O periodo de tratamento medio foi de cinco a nove annos. O mais curto foi de anno e meio; o mais longo de 17 annos.

Cincoenta e cinco dos pacientes curados receberam o tratamento de oleo de chaulmoogra cru pela via boccal, dezeseis deste grupo não tomaram outros medicamentos Doze foram tratados com oleo de benzocaine-chaulmoogra por meio de injecções intramusculares, e quatro destes não receberam outro tratamento medico. Vinte e um receberam o tratamento de esteres de ethyle de oleo chaulmoogra por meio de injecções intramusculares, e oito destes não tomaram medicamentos.

O tratamento basico da leprose é semelhante ao da tuberculose. Todos os leprosos no sanatorio nacional, seja qual for o tratamento que estejam recebendo, seguem o regime do sanatorio, que consiste de alimento sadio, ar fresco e descanso. Mais de 300 leprosos, — homens, mulheres e creanças — estão recebendo tratamento no Leprosario de Carville.

O poeta que não amou

(F I M)

amigos do comediographo, como homenagem mais pratica e mais duradoura, tomassem a iniciativa de publicar, em volume, "As mulheres não querem almas...". Mas, apesar de publicada tal carta sob a epigraphe "Uma feliz idéa", ninguem se moveu...

Ao passo que a maioria dos seus collegas de sonho se debatia num anseio de originalidade, apegando-se a escolas que só tinham de novidade o escandaloso rotulo, Paulo Gonçalves, fiel a elle mesmo, dava largas ao seu temperamento de verdadeiro artista. Jornalista infatigavel, poeta delicadissimo, conferencista, etc., a parte mais importante de sua obra é, porém, constituida pelo theatro. Só um livro propriamente de versos: "Yara". Tudo o mais, comedias e dramas, alguns em versos de grande sensibilidade, como "1830", e "D. João". E se é verdade que o Theatro Nacional — que eu não sei se deva comparar á Esphinge ou a Saturno — é, como asseverou o Sr. Humberto de Campos referindo-se a Arthur Azevedo, o tumulo dos nossos autores, convem lembrar que foi elle quem levou o nome de Paulo Gonçalves ao estrangeiro, numa bella demonstração da intelligencia moça do Brasil, forçando a imprensa de Buenos Aires, pelos seus orgãos mais importantes, a collocar "As mulheres não querem almas" entre as melhores producções mundiaes do theatro moderno.

De todas as suas peças, entretanto, a que julgo mais interessante, pela originalidade que encerra, é a "Comedia do Coração". E' uma historia de amor. Mas quasi não se fala em amor. Em logar dos personagens vulgares a que estamos habituados, Paulo mostra-nos os sentimentos que moram em um coração. Coração de mulher? Talvez... E os sentimentos têm a mesma vida

da gente, falam, discutem, intrigam, lutam... São do Sr. Cleómenes Campos as seguintes palavras: "A suave historia de amor que ahi se entrevê é verdadeiramente a sua, como seus são os sentimentos que nella entram em jogo. Todos nós, sonhadores, temos mais ou menos a nossa tragedia intima. A do meu inesquecivel Paulo foi esta. Ao transmittil-a ao publico, todavia, embora na discreção "de uma confidencia symbolica, chamou-lhe "Comedia", para mostrar-se desinteressado. E nunca um escriptor foi mais sincero; viveu sempre a ouvir o dialogo tremendo entre o Espirito e o Coração: por aquelle falando a Razão, nelle invencivel, com a força imperativa de sua logica; por este, um grupo de sentimentos profundamente humanos e deveras commovedores porque usam a linguagem delicada da sua ternura e da sua poesia".

Vemos, então, cada um com a sua cor especial, a Alegria irreverente, branca com manchas verdes e que só vê no Sonho — "a sentinella do Coração no Cerebro" — uma unica utilidade: dar palpites para o jogo do bicho... A Dor, mystica, sempre de lucto; o Ciume, cinza, pintalgado de vermelho; o Odio, cego de nascença, escarlate, rajado de negro; a Paixão, cor de rosa, "rapariga capaz de loucuras", que quasi succumbe, tendo a amparal-a, na sua agonia, uma hospede até então desconhecida no Coração: a Saudade... A Razão, megéra terrivel, que pensa sempre no lado prosaico da vida, que mora no Cerebro mas ambiciona o dominio dos impulsos do Coração; o Medo,, sempre acovardado, incapaz de assumir uma attitude ou de dizer, cara a cara, uma palavra sincera; o Sonho, azul celeste, rapaz turbulento, o unico que, ás vezes, tambem tem accesso ao cerebro, onde só vae fazer cocegas á Razão, a qual procura atirar contra elle o Ciume e o Odio. E' um sonho communista, que devia ajustar contas com a policia: idealisa a igualdade social e descobre o unico segredo do capital: a exploração do trabalho alheio... E a Razão, não conseguindo fazer com que o Odio estrangule o Sonho, volta-se contra a Paixão indefesa, que só vae encontrar lenitivo na Saudade, amargamente consoladora...

E' ainda Cleómenes Campos quem nos diz: "Outro comediographo brasileiro escrever este livro seria um sonho quasi impossivel. Elle (Paulo), porém, o fez da maneira mais simples: voltando-se apenas para dentro de si e confiando ao papel o que ouvia, simplesmente. No meio de tantas figuras verdadeiras, só ha duas de todo em todo decorativas: o Medo, que elle nunca teve, a não ser de commetter injustiças, e o Odio, que não conheceu absolutamente. Por isso, na bocca do primeiro ainda poz algumas phrases de espirito; na do segundo, nem uma palavra sequer. Decididamente, não sabia falar por elle: amava aos outros como nunca amou a si proprio".

———

Para dar uma idéa do grande idealista que era, basta recordar que Paulo Gonçalves, crente de que

"...nós somos como um sangue moço,
purificando o corpo do Brasil",

e que

"E' dever de nós todos reagir!",

sonhou um dia com a regeneração politica de um paiz cuja mocidade fez da futilidade uma cousa de bom-tom, fundando, em São Paulo, o Partido da Mocidade. E, eternamente poeta, compoz logo as estrophes de um hymno, como se pudesse cantar o hymno de um partido de um povo que se envergonha de cantar o Hymno Nacioal...

———

...parece que, não obstante ter escripto em "Canção triste":

Todos amaram... Menos eu...",

houve na vida de Paulo Gonçalves um grande amor não correspondido, alguma paixão á 1830, cheia de renuncias, que o levou, a elle

"Que andou sempre a sentir a falta de um romance
Inflammado em paixões fóra do seu alcance,"

a alimentar-se de sonho, esbanjando saude pelas madrugadas afóra, deixando em cada redacção de jornal um pouco de sua vida e em cada livro um pouco de sua alma...

Manoelito Campos, em interessante opusculo dedicado "aos irmãos de sonho de Paulo Gonçalves", salientando o contraste que havia entre o grande sentimentalismo do poeta e a sua eergia inquebrantavel de homem, chama-o de "ferro com alma". Nunca uma comparação me pareceu mais justa. E conclue: Foi assim, sem o pensar, num como suicidio lento, consumindo suas melhores energias, gostando pouco de se alimentar e muito menos de repousar, que afinal o perdemos para sempre e choramos baldadamente o nenhum caso que elle fazia de sua pessoa physica".

E' possivel (e eu tenho, para mim, como provavel), que esse seu despreso pela sua pessoa material nada mais tenha sido que a consequencia de um amor mal comprehendido.

"O nosso queridissimo poeta — diz Manoelito Campos — era incapaz de sentir aquella "sede de paixão insana" que é, por assim dizer, o amor do instincto nos homens vulgares. Paulo era alma só e coração, intelligencia e bondade".

Coitado! Elle que tão bem conhecia a "Comedia do Coração", não se lembrava, talvez, no seu devaneio amoroso, de que "As mulheres não querem almas"...